



UC/FPCE—2012

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Relação entre a rejeição materna percebida e a generatividade de mulheres grávidas e parceiros**

Cecília Alves Santos (e-mail: [cecilia-asantos@hotmail.com](mailto:cecilia-asantos@hotmail.com))

Dissertação de Mestrado Integrado na área de especialização em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Prof. Doutora Graciete Franco-Borges

### **Relação entre a rejeição materna percebida e a generatividade de mulheres grávidas e parceiros**

Atendendo à Teoria da Aceitação-Rejeição Parental e suas implicações no desenvolvimento pessoal, e considerando o constructo de generatividade, que decorreria do processo de desenvolvimento psicossocial prévio, a presente investigação constitui um estudo exploratório sobre a relação entre a rejeição materna percebida, o índice de generatividade e o envolvimento na gravidez por parte das mulheres grávidas e dos parceiros.

Para atingir os objectivos supracitados, foram utilizados os seguintes instrumentos: Adult PARQ – *Parental Acceptance-Rejection Questionnaire* – short form: Mother's de Rohner (2004) – adaptação portuguesa de Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2010), a *Loyola Generativity Scale* –LGS de McAdams & de St. Aubin (1992) - adaptação portuguesa de Franco – Borges & Vaz – Rebello (2007). Atendendo à população em estudo e ao objectivo de avaliar o envolvimento dos sujeitos na gravidez, foi ainda elaborado um Questionário sobre a Gravidez (versão mulher e homem).

A amostra é constituída por 79 sujeitos do sexo feminino e 21 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18.6 e os 43.6 anos, tendo sido recolhida num centro de saúde de Coimbra e num hospital da Póvoa de Varzim. Os resultados revelaram uma associação negativa entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade, apontando para a relevância daquela percepção no desenvolvimento da generatividade adulta. Por seu lado, o índice de generatividade das mulheres revelou-se associado ao envolvimento positivo na gravidez. Os dados permitiram igualmente verificar que tanto o envolvimento na gravidez prediz o nível de generatividade, como este prediz aquele. Embora os homens estivessem sub-representados (21%), verificou-se que tendem a sentir-se significativamente mais rejeitados pela figura materna comparativamente às mulheres, apontando para a relevância de se estudar futuramente o eventual impacto desta diferenciação no envolvimento e experiência da parentalidade.

**Palavras-chave:** Aceitação/Rejeição materna; Generatividade; Envolvimento na Gravidez; Parentalidade

### **Pregnant women and love partners' perceived mother rejection and generativity**

According with parental Acceptance-Rejection Theory (PARTheory) and their implications on personal development, and considering the generativity construct, which integrates previous psychosocial development, this research aims to explore the relationship between perceived mother rejection, generativity level, and pregnancy involvement of woman and their love partners on this process.

To accomplish this goal, it were used the following instruments: Adult PARQ (short form) – *Parental Acceptance-Rejection Questionnaire* – Mother (Rohner, 2004) – Portuguese adaptation of Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2010); *Loyola Generativity Scale* –LGS (McAdams & de St. Aubin, 1992) –Portuguese adaptation of Franco–Borges & Vaz–Rebello (2007). Additionally, it was created and applied a Pregnancy Questionnaire (men

and women version)

Through a sample of 79 women and 21 men, with ages between the 18.6 and 43.6 years old, we collected the data in a health centre of Coimbra and in a hospital near from Porto (Portugal). The results consistently showed a negative association between perceived mother rejection and generativity level, indicating the importance of that perception to generativity development during adulthood. On the other hand, the generativity level was associated with positive pregnancy involvement. The data also shows that either pregnancy involvement is a predictor of generativity level, as this one is a predictor of the former. Although men were underrepresented (21%), the results indicate that they tend to perceive more mother rejection than women do, which highlights the importance of exploring this differentiation on parenthood experience and involvement in near studies.

**Key – words:** Mother acceptance- rejection; Generativity; Pregnancy involvement; Parenthood.

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Graciete Franco-Borges, pela sua disponibilidade, orientação, incentivo e confiança transmitida ao longo de todo o percurso;

Aos meus pais, pelo carinho, apoio incondicional e pela confiança que me transmitiram ao longo de todos estes anos. Obrigada por fazerem de mim a pessoa que hoje sou;

Ao Roberto pela paciência e demonstração de amor, pelas palavras e sorrisos que sempre me encorajaram nos momentos mais difíceis e por fazeres parte da minha vida;

À Marisa Oliveira pela amizade, companheirismo, troca de conhecimentos e por todos os momentos que partilhámos juntas;

Ao Pedro Belo pela transmissão de conhecimentos, paciência, e pela boa disposição constante nos momentos de maior ansiedade;

À Joaquina, Teresa, Bruno, Tó, Ângela e Tatas por todas as experiências partilhadas ao longo destes anos e pela oportunidade de construirmos uma amizade única;

Ao Mitchell pela disponibilidade, encorajamento e amizade ao longo destes anos;

Às instituições de acolhimento e a todos os participantes desta investigação, agradeço a colaboração.

## Índice

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>I- Enquadramento conceptual</b>	<b>2</b>
1. Generatividade no ciclo vital	2
1.1. Generatividade e parentalidade	3
2. Teoria da Aceitação - Rejeição Parental- PARTheory	5
2.1. O impacto da aceitação – rejeição materna	8
3. Transição para a parentalidade	10
<b>II - Objectivos e hipóteses</b>	<b>10</b>
<b>III - Metodologia</b>	<b>12</b>
1. Amostra	12
2. Instrumentos	13
3. Procedimentos	16
<b>IV - Resultados</b>	<b>17</b>
1. Consistência interna das escalas	17
1.1. Valor preditivo dos itens do Questionário sobre s Gravidez versões mulher (QM) e homem (QH)	18
2. Análise dos resultados descritivos	19
2.1. Questionário sobre a Gravidez - versão para as mulheres(QM)	19
2.2. Questionário sobre a Gravidez - versão para os homens( QH)	24
2.3. Escala de Generatividade	28
2.4. Questionário de aceitação-rejeição parental: versão mãe - PARQ_M	28
3. Relação entre as Variáveis: teste das hipóteses	29
3.1. Relação entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade	29
3.2. Relação entre as sub-escalas do PARQ_M e o índice de generatividade	29
3.3. Rejeição materna percebida como preditor do índice de generatividade	30
3.4. Envolvimento positivo na gravidez e a generatividade como preditores recíprocos	30
3.5. Relação entre o envolvimento positivo na gravidez e a generatividade	31
3.6. Relação entre o envolvimento positivo na gravidez e a rejeição materna percebida	33
3.7. Generatividade em função do género	33
3.8. Rejeição materna percebida em função do género	34
<b>V- Discussão</b>	<b>34</b>
<b>VI- Conclusões</b>	<b>37</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>40</b>
<b>Anexos</b>	

## Introdução

A investigação da Teoria da Aceitação-Rejeição Parental (PARTheory) tem vindo a demonstrar a pertinência da afectuosidade parental no desenvolvimento psicológico das crianças, adolescentes e adultos (Rohner & Khaleque, 2008), sustentando que a aceitação-rejeição parental constitui um preditor do ajustamento psicológico.

Segundo evidências da PARTheory, as implicações da rejeição parental percebida são universais e fomentam o desenvolvimento de uma visão hostil do mundo, nomeadamente das relações interpessoais, demonstrando que as implicações dessa rejeição são universais.

Atendendo ao constructo de generatividade, o qual é concebido no modelo psicossocial de Erikson (1963), como constituinte de um dos pólos do sétimo estágio, a generatividade decorreria do processo de desenvolvimento prévio, e caracterizar-se-ia por um “interesse em educar e guiar as gerações mais novas”, traduzido em “actos de cuidar”, sendo a parentalidade a modalidade mais proeminentes de se manifestar. De acordo com McAdams & St. Aubin (1992), a generatividade manifesta-se a nível individual e social, uma vez que se encontra intimamente relacionada com aspectos biológicos inerentes à sobrevivência das espécies e com a motivação para transmitir conhecimentos e experiências, contribuindo deste modo para o desenvolvimento das gerações mais novas. Slater (2003) enfatiza o estágio *generatividade versus estagnação*, como sendo o principal conflito da adultez, sugerindo que todas as pessoas defrontariam a questão da parentalidade.

Tal como ocorre nas várias transições do ciclo vital, também a parentalidade é vivida com um conjunto de tarefas desenvolvimentais (Canavaro, 2001), constituindo o nascimento de um filho, segundo um ponto de vista tradicional e normativo, fonte de satisfação e realização pessoal (Relvas, 1996).

Posto isto, a presente investigação procura explorar a relação entre a rejeição materna percebida pelas mulheres grávidas e parceiros e o índice de generatividade, com o objectivo de compreender a relevância da percepção de rejeição materna no desenvolvimento da generatividade adulta, analisando o papel de cada uma destas variáveis, considerando-se cada uma das dimensões da afectuosidade. A par disto, pretende investigar o envolvimento das mulheres na gravidez e a sua relação com a generatividade

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos. O primeiro referente ao Enquadramento conceptual das seguintes temáticas: Parental Acceptance-Rejection Theory – PARTheory; generatividade, incluindo generatividade e parentalidade; transição para a parentalidade. No segundo capítulo evidenciam-se os objectivos e hipóteses da investigação em causa. O capítulo três refere-se à metodologia utilizada (caracterização da amostra, caracterização dos instrumentos e procedimento). O quarto capítulo diz respeito à análise dos resultados obtidos, encontrando-se a discussão destes no capítulo cinco. Por último, no capítulo seis, encontram-se as principais conclusões e reflexão global acerca da presente investigação.

## I – Enquadramento conceptual

### 1. Generatividade no ciclo vital

Tem-se assistido a um interesse crescente pelo estudo da adultez no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento (Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009; Zacarés & Serra, 2011). Constituinte uma das etapas do desenvolvimento humano, a adultez tem vindo a ganhar terreno no seio da literatura científica, sendo alvo de inúmeras investigações nas últimas décadas (Medrano, Cortés & Aierbe, 2004; Zacarés & Serra, 2011).

Tal como é apontado por Vaz-Rebelo & Franco-Borges (2009, p. 98) “As evidências sobre o contínuo do desenvolvimento humano, que se prolonga muito para além da adolescência, as mudanças aceleradas que caracterizam os nossos dias ou os desafios inerentes ao Life Long Learning têm também chamado a atenção para a necessidade de se compreender de forma profunda a idade adulta”.

Inspirando-se nos princípios biológicos da epigênese, o modelo psicossocial do desenvolvimento humano proposto por Erikson, em 1963, postula que o desenvolvimento do Eu ocorre ao longo de oito estádios sequenciais, sendo cada um deles caracterizado por uma crise psicossocial, cuja resolução constitui um progresso sistematicamente relacionado com os estádios anteriores, ainda que as crises não sejam inteiramente resolúveis (Erikson, 1968, citado em Hansenne, 2003; Zacarés & Serra, 2011).

O sétimo estádio proposto por Erikson, *generatividade versus estagnação*, corresponderia à idade adulta, durante a qual o sujeito assume um papel activo na sociedade, com o intuito de contribuir para o seu desenvolvimento. A “criação” e a “estagnação” constituem os dois pólos opostos deste estádio, sendo o desejo de criação motivado pelo desejo de produzir algo que sobreviva à morte (Hansenne, 2003).

Tal como ocorre em todos os estádios do modelo referido, a prevalência da generatividade depende da resolução das etapas precedentes, especialmente as que correspondem aos estádios da adolescência e adultez. Assim, o modo como a crise da generatividade é vivida e resolvida depende substancialmente do modo como crises anteriores do desenvolvimento são resolvidas (Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009; Zacarés & Serra, 2011).

De acordo com o modelo de Erikson de 1963, o adolescente depara-se com a tarefa desenvolvimental de construir a sua identidade, o jovem adulto com a de construir relações de intimidade e o adulto com a de contribuir (positivamente) para as gerações futuras, através do exercício da parentalidade, da transmissão de saberes, da liderança, entre outras modalidades possíveis.

A generatividade expressar-se-ia, então, por um “interesse em educar e guiar as gerações mais novas”, traduzido em “actos de cuidar”. A generatividade poderá manifestar-se através da procriação, da produtividade e da criatividade, sendo a parentalidade, segundo Erikson, a modalidade mais proeminente. As actividades profissionais, as relações de amizade, o trabalho de voluntariado e a participação em actividades políticas e cívicas poderão constituir igualmente manifestações generativas.

De um modo geral, qualquer esforço produtivo pode ser generativo, desde que o indivíduo se envolva directa ou indirectamente na promoção do desenvolvimento dos outros, estabelecendo contextos de crescimento para a futura geração (Erikson, 2000, citado em Zacarés & Serra, 2011; Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009).

Enquanto constructo complexo e multifacetado, a generatividade conecta diferentes actividades e resultados, manifestando-se a nível individual e social, uma vez que está intimamente relacionada com aspectos biológicos inerentes à sobrevivência da espécie e com a motivação para transmitir conhecimentos ou experiências e deixar descendência, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e das gerações mais novas (McAdams & St. Aubin, 1992).

De acordo com o modelo multifacetado da generatividade proposto por McAdams e St. Aubin (1992), constituído por sete dimensões psicossociais, a generatividade decorreria (1) duma pressão/exigência social de compromisso e investimento nas gerações futuras, (2) da motivação ou necessidade intrínseca de ser necessário, radicando num desejo de imortalidade simbólica. A pressão cultural e a motivação individual constituiriam, assim, a fonte da *generatividade*, expressando-se através de (3) uma preocupação consciente em relação às gerações futuras, cujas implicações vão depender das interacções que se estabelecerem entre (4) as crenças pessoais sobre o valor do ser humano, (5) os compromissos generativos e investimentos, (6) as acções concretas e (7) a narrativa generativa pessoal que se elabora e que simultaneamente elabora o percurso de desenvolvimento pessoal (Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009, p.99).

A abordagem de McAdams tem sido fundamental para a investigação levada a cabo neste domínio durante os últimos vinte anos, pois articula uma série de distinções conceptuais fundamentais para a compreensão da estrutura, funções, significados e manifestações da generatividade no desenvolvimento do adulto (Zacarés & Serra, 2011).

Apesar do interesse revelado por parte dos investigadores em relação ao estudo do desenvolvimento do adulto, a pesquisa em torno da generatividade tem sido dispersa, escassa e pouco sistemática (McAdams & St. Aubin, 1992).

Em suma, a generatividade constitui um desafio desenvolvimental central para os adultos, podendo ser expressa numa ampla variedade de actividades e compromissos que têm lugar no âmbito da família, das relações de amizade, do trabalho, das actividades cívicas e religiosas (McAdams, 2006).

### **1.1. Generatividade e parentalidade**

A sobrevivência da espécie humana depende da boa vontade dos pais para cuidarem dos filhos, existindo um benefício mútuo para a criança e para o adulto, tendo em conta que as crianças necessitam de ser cuidadas e os adultos de sentir que são necessários (Slater, 2003). Este autor considera que o estágio *generatividade versus estagnação* representa o principal conflito da adultez, sugerindo que todas as pessoas enfrentariam a questão da

parentalidade sendo que, para a maioria dos sujeitos, tornar-se pai/mãe é uma escolha deliberada. No entanto, se alguns indivíduos tornam-se pais na ausência de uma decisão prévia consciente, outros decidem não ser pais, e existem ainda aqueles que desejam ser pais e não o conseguem ser. Assim, quer a decisão, quer as contingências da sua implementação, quer as suas implicações provocariam uma crise no sentido de exigir novas reflexões acerca dos papéis desempenhados na sua vida (Slater, 2003).

De acordo com Knoester, Petts & Eggebeen (2007), o nascimento de um filho exige uma reavaliação dos valores, prioridades e responsabilidades dos sujeitos. Assim, se os contextos forem favoráveis para o exercício da parentalidade, a função parental, poderá desenvolver a generatividade, promovendo sentimentos de bem-estar pessoal e na geração futura.

As investigações sugerem que os adultos mais generativos são mais afectuosos enquanto pais, caracterizam-se por estabelecerem metas de crescimento e estimularem a autonomia dos seus filhos adolescentes (Pratt, Danso Arnold, Norris & Filyer, 2001) e são mais conscientes do seu papel como modelos transmissores de valores, bem como de outros papéis intergeracionais familiares (Pratt et al., 1999).

Num estudo realizado com estudantes universitários sem filhos com o objectivo analisar a relação entre a generatividade e a motivação para a parentalidade, Vaz-Rebello & Franco-Borges (2009) concluíram que a generatividade se relaciona de forma estatisticamente significativa com o desejo de vir a ter filhos e que este desejo varia em função do sexo, sendo mais elevado entre as mulheres. Deste modo, a média do índice de generatividade varia significativamente em função do projecto de parentalidade, tendo os sujeitos que evidenciam maior desejo de vir a ter filhos obtido um índice médio de generatividade mais elevado.

Knoester et al. (2007), ao investigar o impacto do nascimento de um filho sobre o bem-estar e a participação social dos pais, concluíram que estes se tornam mais generativos ao desempenhar o seu papel parental, havendo mudanças positivas no seu sentimento de bem-estar, na valorização pessoal e na percepção de reconhecimento social. Assim, conclui-se que a parentalidade assume um carácter benéfico em várias dimensões pessoais.

No que se refere à generatividade e bem-estar psicológico, segundo Zacarés, Pérez-Brotons, Pérez-Blasco & Serra (2004, citado em Zacarés & Serra, 2011) não existe uma modalidade única de generatividade para promover o bem-estar psicológico entre os adultos. Contudo, de acordo com os resultados do seu estudo longitudinal, a experiência da parentalidade parece exercer um papel proeminente na promoção do interesse generativo, principalmente entre os homens (Zacarés et al. 2004, citado em Zacarés & Serra, 2011).

Tem sido demonstrado que a generatividade se associa positivamente a índices de comportamentos pró-social e a compromissos sociais produtivos. A investigação tem revelado que a generatividade está positivamente associada a características pró-sociais da personalidade (Peterson & Klohnen, 1995, citado em McAdams, 2006), a forte suporte social (Hart et al., 2001, citado em McAdams, 2006), trabalho de

voluntariado (Rossi, 2001, citado em McAdams, 2006) e interesse por questões políticas e envolvimento em processos políticos (Cole & Stewart, 1996, Hart et al., 2001, Peterson et al., 1997, citado em McAdams, 2006). Alguns estudos sugerem que, pelo menos entre a classe média de pais caucasianos, a generatividade pode estar associada a um estilo parental autoritativo. Peterson, Smirles & Wentworth (1997) constaram que os pais de estudantes universitários que expressavam mais atitudes autoritativas revelaram níveis mais elevados de generatividade. Segundo os autores, a parentalidade autoritativa estaria relacionada com as similaridades atitudinais entre os pais e os seus filhos universitários.

Pratt, Hunsberger & Pancer (2005), a partir de um estudo longitudinal sobre o papel da comunidade e do envolvimento parental no desenvolvimento de preocupações generativas na adolescência tardia ou no início da idade adulta, concluíram que o estilo parental autoritativo, avaliado aos 17 anos de idade dos filhos, associa-se a maiores preocupações generativas quando estes atingem os 23 anos. Constataram ainda que o envolvimento na comunidade se correlacionava positivamente com os resultados da generatividade aos 19 e aos 23 anos, sendo o envolvimento na comunidade aos 17 anos um bom preditor de preocupações generativas no início da adultez. No que se refere à diferença entre sexos, verificou-se que aos 23 anos as mulheres têm valores bastante mais altos do que os homens nas preocupações generativas. No entanto, aos 19 anos não se verificaram diferenças significativas em função do sexo. No estudo em análise foi possível depreender que o envolvimento comunitário precoce parece exercer maior influência no desenvolvimento de preocupações generativas, comparativamente ao estilo parental.

Peterson (2006), a partir de um estudo longitudinal com jovens adultos, concluiu que a generatividade dos pais estava correlacionada com o afecto positivo, perspectivas futuras positivas e características de personalidade pró-social dos filhos. A generatividade parental revelou ter um impacto no bem-estar ao longo das gerações, uma vez que o facto dos filhos estarem relativamente bem ajustados e felizes com a vida constituiria uma fonte de satisfação para os pais generativos que relatam sentimentos de maior proximidade e comunhão com os seus filhos.

## **2. Teoria da Aceitação-Rejeição Parental - PARTheory**

A investigação que tem vindo a ser desenvolvida pela *Parental Acceptance – Rejection Theory (PARTheory)*, ou Teoria da Aceitação - Rejeição Parental, tem-se debruçado sobre a importância da afectuosidade parental no desenvolvimento psicológico saudável das crianças, adolescentes e adultos, demonstrando que, qualquer criança necessita de uma forma específica de respostas positivas e aceitação dos pais ou outros cuidadores (Rohner & Khaleque, 2008).

Segundo a *PARTheory*, as pessoas significativas são as pessoas com quem a criança ou o adulto estabelecem um laço afectivo indispensável para o seu bem-estar pessoal (Rohner, Khaleque & Cournoyer., 2011, p.4). Neste

sentido, os pais e as mães são pessoas significativas, além de possuírem uma especificidade adicional que não é partilhada com os outros significativos.

Esta teoria sustenta que quando não há uma resposta positiva por partes dos pais, ou quando as necessidades da criança não são devidamente satisfeitas, as crianças tendem a desenvolver hostilidade e agressividade, dependência ou independência defensiva, problemas de auto-estima, desadequação e instabilidade emocional e uma visão negativa do mundo, entre outras características (Rohner et. al., 2011).

Considerando a socialização e o desenvolvimento ao longo da vida, a teoria da aceitação - rejeição parental procura explicar e prever as principais causas, consequências e outras implicações da aceitação-rejeição parental na população de diferentes partes do mundo (Rohner, 2004; Rohner & Khaleque, 2002; Rohner et. al., 2011).

A *PARTheory* contempla três subteorias, designadamente as seguintes: subteoria da personalidade, subteoria de coping e a subteoria dos sistemas sócio-culturais. A subteoria da personalidade procura explicar e prever as principais consequências da percepção da aceitação ou rejeição parental durante a infância e adultez na construção da personalidade (Rohner, 2004). A subteoria de *coping* tenta compreender por que determinadas crianças e adultos que experienciam rejeição parental conseguem resistir ao expectável desajustamento psicológico, ou, por outras palavras, procura perceber de que forma se desenvolve a resiliência nos adultos que experienciaram rejeição durante a infância. A subteoria dos sistemas sócio-culturais procura explicar as principais origens da aceitação-rejeição parental, isto é, por que uns pais são afectuosos, enquanto outros são agressivos, rejeitantes e negligentes, tentando compreender os processos subjacentes à parentalidade, atendendo a factores psicológicos, familiares e sociais.

Segundo a teoria supracitada, a aceitação e rejeição formam a dimensão da Afectuosidade Parental, tratando-se de uma dimensão ou *continuum* no qual todos os humanos podem ser enquadrados, uma vez que todas as pessoas experienciam na infância mais ou menos amor por parte dos cuidadores principais. Assim, num dos extremos deste *continuum* encontra-se a percepção de aceitação parental, pautada por sentimentos positivos, tais como afeição, amor, carinho, conforto, preocupação, suporte, que as crianças podem experienciar na sua relação com os pais (cuidadores). O extremo oposto é marcado pela rejeição parental percebida, que poderá resultar da percepção de ausência de sentimentos e comportamentos positivos e de uma variedade de comportamentos e afectos física e psicologicamente rejeitantes (Rohner et. al., 2011).

A investigação desenvolvida por Rohner e colaboradores tem vindo a demonstrar que a percepção de maior ou de menor rejeição parental é um fenómeno observável em diferentes culturas, com consequências similares junto de crianças de várias partes do mundo, dando suporte à ideia de que a aceitação - rejeição parental constitui um preditor universalmente poderoso do ajustamento psicológico e comportamental da criança e do adulto.

Os estudos empíricos que têm vindo a ser realizados em diversos

países do mundo, como Estados Unidos da América, China, Inglaterra e Finlândia, têm revelado que a rejeição parental parece ser um factor predisponente para vários tipos de problemas comportamentais, incluindo problemas de conduta, comportamentos externalizados e delinquência (Rohner & Britner, 2002; Rohner & Khaleque, 2011). Assim, jovens e adultos que se percebem como rejeitados pelos pais tendem a revelar maior ansiedade e insegurança, correndo um risco mais elevado de apresentarem problemas de comportamento (Rohner & Khaleque, 2011).

Neste sentido, é de salientar um estudo intercultural desenvolvido por Dwairy (2010) em nove países, com 2.884 adolescentes provenientes de diferentes culturas, a partir do qual se verificou que a rejeição parental percebida apresentava níveis baixos e similares na maioria dos países em estudo, correlacionando-se positivamente com o desajustamento psicológico, independentemente da cultura, etnia, língua, género ou raça. Estes resultados corroboram a tese de Rohner (2004) relativa à rejeição percebida enquanto preditor do desajustamento psicológico.

Rohner considera 7 dimensões do desajustamento psicológico: a) hostilidade, agressão, agressão passiva ou problemas de gestão da hostilidade e agressividade; b) dependência ou independência defensiva, dependendo da forma, frequência, duração e intensidade da rejeição percebida; c) auto-estima debilitada; d) auto-adequação debilitada; e) irresponsividade emocional; f) instabilidade emocional; g) visão negativa do mundo. (Rohner, 2004; Rohner & Khaleque, 2002). Segundo evidências da *PARTheory*, as pessoas que se percebem como rejeitadas estariam mais propensas a desenvolver uma visão hostil do mundo (das relações interpessoais e da própria natureza da existência humana) percebendo-o como inseguro, ameaçador ou perigoso.

Analisando a relação entre a saúde mental e a aceitação-rejeição parental, Rohner e Britner (2002) concluíram que a rejeição parental percebida está associada a uma variedade de problemas de saúde mental, nomeadamente depressão e/ou sintomatologia depressiva, problemas de conduta, perturbações de comportamento e abuso de substâncias.

Estudos recentes que utilizaram a ressonância magnética revelaram que o córtex cingulado anterior e o córtex pré-frontal ventral direito são activados quando as pessoas se sentem rejeitadas, tal como acontece quando as pessoas experienciam dor física (Eisernberg, Lieberman & Williams, 2003, citado em Rohner, 2004), comprovando deste modo que a dor decorrente da percepção de rejeição tem uma expressão biofisiológica.

De acordo com a subteoria da personalidade da *PARTheory*, a percepção de segurança emocional e bem-estar dos adultos tende a estar dependente da qualidade percebida da relação com outros adultos significativos. Assim, a aceitação ou rejeição pelo parceiro íntimo exerceria grande influência na personalidade e ajustamento psicológico dos adultos (Rohner & Khaleque, 2001).

### **2.1.O impacto da aceitação-rejeição materna**

Num estudo realizado por Rohner, Mendez e Kraimer-Rickaby (2008), foi analisada a relação entre a aceitação percebida pelo parceiro amoroso e o ajustamento psicológico do adulto, considerando-se a hipótese desta relação ser mediada pela percepção de aceitação-rejeição materna e paterna durante a infância. Os resultados confirmaram que a percepção de aceitação por parte do parceiro se associa positivamente ao ajustamento psicológico tanto dos participantes do sexo masculino, como feminino. Concluiu-se ainda que a percepção de aceitação paterna (mas não materna) durante a infância medeia a relação entre a percepção de aceitação pelo parceiro e o ajustamento psicológico das mulheres (mas não dos homens).

Yoo & Miller (2011), a partir de uma amostra de 192 adolescentes canadenses de origem chinesa, pretendiam analisar a relação entre a identificação cultural dos adolescentes, a sua percepção dos papéis parentais (materno e paterno) e do controlo parental e o ajustamento psicológico. Os resultados revelaram uma relação positiva significativa entre a percepção de afectuosidade materna e paterna e o ajustamento psicológico dos adolescentes. Assim, tal como era esperado, os adolescentes que percebem os seus pais e mães como calorosos/afectuosos tendem a relatar níveis elevados de ajustamento psicológico. Verificou-se também que a percepção de afectuosidade parental dos adolescentes tende a diminuir quando a percepção de controlo parental aumenta. A par disto, constatou-se também que existe uma relação negativa entre o controlo parental percebido pelos adolescentes e o ajustamento psicológico.

Num estudo de Dwairy (2010) que pretendeu, entre outros objectivos, analisar a relação entre a percepção de aceitação-rejeição parental e o ajustamento psicológico, verificou-se que os pais são mais rejeitantes do que as mães. Concluiu-se também que os adolescentes do sexo masculino tendem a sentir-se mais rejeitados e menos aceites comparativamente aos adolescentes do sexo feminino.

Partindo de uma amostra de 246 mulheres turcas (mães de crianças de cinco anos), sendo 123 de estatuto socioeconómico baixo, e 123 de estatuto socioeconómico elevado, Erkan e Toran (2010) procuraram verificar a existência de diferenças nos comportamentos maternos de aceitação - rejeição para com as crianças, em função do estatuto socioeconómico, da idade, do número de filhos e do género dos filhos. De acordo com os resultados, os comportamentos de aceitação - rejeição das mães varia significativamente consoante o seu estatuto socioeconómico, tendo sido as mães com um estatuto socioeconómico baixo as que apresentaram níveis de rejeição superiores, comparativamente às mães de estatuto socioeconómico superior. Também no estudo de Dwairy (2010) foi evidenciado que a rejeição parental prevalece entre nas mães e pais com poucas habilitações e com baixo estatuto socioeconómico. No que se refere à idade, os resultados revelam uma relação positiva significativa entre os comportamentos de rejeição de mães com baixo estatuto socioeconómico e a sua idade, verificando-se que as mães mais velhas revelam um nível maior de rejeição do que as mães mais novas. Os resultados revelam ainda uma correlação

positiva significativa entre o comportamento de rejeição das mães de baixo estatuto socioeconómico e o número de filhos. Assim, ter mais filhos aumenta os níveis de rejeição das mães, sendo que em famílias com menos filhos a aceitação materna é mais elevada. Relativamente ao género dos filhos, os resultados sugerem que os comportamentos de aceitação-rejeição por parte das mães de ambos os estatutos socioeconómicos não variam significativamente consoante aquela variável.

Num estudo que visou comparar a estrutura e modalidades da parentalidade materna e paterna percebidas retrospectivamente por jovens adultos, atendendo à educação, afectuosidade e ao envolvimento parental relatado e desejado, Finley e Mira (2008) concluíram que havia um menor envolvimento paterno comparativamente ao materno. Contudo, as diferenças no envolvimento das figuras paternas foram mais elevadas nos domínios instrumentais (desenvolvimento da responsabilidade, ética e moral, independência e disciplina) do que nos domínios expressivos (companheirismo, partilha de interesses e actividades de lazer, desenvolvimento físico, espiritual, social e emocional).

Lila e colaboradores (2007), partindo de uma amostra de 234 crianças com idades compreendidas entre 7 e os 13 anos e respectivas figuras parentais (pai/ figura cuidadora masculina e mãe/figura cuidadora feminina) da população colombiana, pretenderam analisar a relação entre a percepção de aceitação parental e o ajustamento social e psicológico das crianças, procedendo à avaliação independente desta relação para a aceitação materna e paterna percebida. As crianças relataram maiores níveis de aceitação parental (tanto materna como paterna) do que rejeição, tendo-se concluído que a percepção de aceitação materna e paterna se relacionava positivamente com o ajustamento psicológico e social das crianças. Contudo, importa referir que relativamente aos problemas de comportamento relatados pelos pais e mães, apenas a percepção de aceitação materna se mostrou negativamente relacionada com os problemas de comportamento internalizantes e externalizantes. A percepção de aceitação paterna revelou-se apenas associada negativa e indirectamente aos problemas de comportamento, sendo mediada pela aceitação materna.

Tendo por base a Teoria da Aceitação – Rejeição Parental, Ogredir e Ulutas, (2009, citado em Oliveira 2010), realizaram um estudo na Turquia com jovens mães turcas com o intuito de testar o efeito da implementação de um programa educacional de suporte materno sobre a aceitação- rejeição percebida. O estudo foi realizado a partir de 58 mães de crianças entre os 0 e os 4 anos de idade, provenientes de estatutos socioeconómicos baixos e médio baixos, tendo sido 57% das mulheres escolhidas como grupo experimental e as restantes 43% para grupo de controlo. As mães pertencentes ao grupo experimental foram submetidas a um programa educacional de suporte que consistia em informar as mulheres acerca do desenvolvimento da criança e procurava aumentar as interacções mãe - filho/a. As mães eram educadas para a compreensão das emoções e comportamentos das crianças, bem como para a consciencialização da importância do brincar para o desenvolvimento da criança. Os resultados do

estudo revelaram que as mães que foram submetidas ao programa expressavam menores níveis de rejeição, comparativamente às mães que não foram submetidas ao programa acima supracitado. Assim, verificou-se que a implementação do programa educacional foi eficaz no grupo experimental (Oliveira, 2010).

### **3. Transição para a parentalidade**

O processo da maternidade tem vindo a suscitar grande interesse no seio da literatura científica uma vez que constitui uma das fases de transição do ciclo vital. De facto, esta tarefa assinala profundas mudanças estruturais e funcionais no seio da família nuclear, atendendo a que, com o nascimento de uma criança se diferenciam na família dois novos subsistemas, o parental e o filial (Relvas e Lourenço, citado em Canavarro 2001).

Tal como os outros períodos de desenvolvimento que compõem o ciclo de vida, a maternidade e a paternidade caracterizam-se pela necessidade de resolver tarefas desenvolvimentais específicas que acarretam a vivência de uma crise própria (Canavarro, 2001).

A autora supracitada faz referência às transformações biológicas, sociais, físicas e psicológicas que se interligam e ocorrem em simultâneo neste processo de transição, acarretando uma gestão de *stresse* mais ou menos acentuado, com maior ou menor risco consoante a capacidade de adaptação ao novo papel, particularmente nos casos em que se trate do primeiro filho.

A transição para a parentalidade implica um conjunto específico de tarefas desenvolvimentais para a mulher e para o homem, particularmente no que se refere aos relacionamentos significativos a nível individual, do casal e da família. A nível individual, impõe-se a revisão dos papéis desempenhados pelos pais durante a infância e dos modelos de interação observados ao nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebé (Figueiredo, 2004, citado em Figueiredo & Silva, 2005).

Apesar do nascimento de um filho acarretar mudanças significativas na vida de qualquer ser humano, segundo um ponto de vista tradicional e normativo, a parentalidade associar-se-ia a sentimentos de alegria e satisfação, por ser um meio de realização pessoal (Relvas, 1996).

## **II - Objectivos e hipóteses**

Atendendo ao postulado e investigação da PARTheory sobre a pertinência da percepção de aceitação-rejeição parental sobre o desenvolvimento pessoal e aos estudos prévios sobre a generatividade, a qual decorreria do processo de desenvolvimento psicossocial prévio, coloca-se a questão da aceitação-rejeição parental ser um preditor da generatividade. Além disso, atendendo a que o desafio da parentalidade se coloca de forma evidente durante a gravidez, o presente estudo pretende analisar a relação entre a aceitação-rejeição parental percebida e a generatividade junto de mulheres grávidas e respectivos parceiros.

Atendendo à necessidade de delimitar o campo de estudo, a presente investigação restringiu a avaliação da aceitação-rejeição parental à materna. Assim, o principal objectivo desta investigação é (1) avaliar a relação entre a rejeição materna percebida pelas mulheres grávidas e parceiros e o índice de generatividade, (2) além de se procurar avaliar o papel de cada uma destas variáveis (preditor/consequência) considerando-se cada uma das dimensões da afectuosidade. (3) A par disto, pretendeu-se analisar o envolvimento das mulheres na gravidez e a sua relação com a generatividade, e (4) avaliar o envolvimento das mulheres na gravidez e a sua relação com a rejeição materna percebida. (4) Procurou-se igualmente analisar a o nível de rejeição materna percebida em função do género dos sujeitos, (5) bem como o índice de generatividade.

Considerando os dados da revisão bibliográfica apresentados na presente dissertação, formularam-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** A rejeição materna percebida associa-se negativamente ao índice de generatividade durante a gravidez.

**Hipótese 2:** As sub-escalas do PARQ\_M associam-se ao índice de generatividade.

**Hipótese 2.1:** A sub-escala da afectuosidade associa-se positivamente ao índice de generatividade durante a gravidez.

**Hipótese 2.2:** As sub-escalas de rejeição indiferenciada, hostilidade e indiferença associam-se negativamente ao índice de generatividade durante a gravidez.

**Hipótese 3** - A rejeição materna percebida constitui um preditor do índice de generatividade durante a gravidez.

**Hipótese 4** – O envolvimento positivo na gravidez e a generatividade constituem preditores recíprocos.

**Hipótese 4.1** - O envolvimento das mulheres na gravidez constitui um preditor do índice de generatividade.

**Hipótese 4.2** – O índice de generatividade constitui um preditor do envolvimento das mulheres na gravidez.

**Hipótese 5** – As mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma média de generatividade mais elevada, comparativamente às mulheres com um envolvimento negativo na gravidez.

**Hipótese 6** - As mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma média de rejeição materna percebida inferior, comparativamente às mulheres com um envolvimento negativo na gravidez.

**Hipótese 7** – O índice de generatividade é mais elevado nas mulheres do que nos homens

**Hipótese 8** – A rejeição materna percebida é mais elevada nos homens, comparativamente às mulheres.

### III - Metodologia

#### 1. Amostra

A amostra total é constituída por 100 adultos (futuros pais) com idade compreendida entre os 18,6 e os 43,6 anos. A média de idades é de 30,8 (Tabela 1), sendo 21% dos adultos do sexo masculino e 79% do sexo feminino (Tabela 2). Atendendo ao sexo dos sujeitos, verifica-se um desfasamento entre o número de mulheres grávidas e parceiros, uma vez que a recolha da amostra foi efectuada maioritariamente junto de grávidas que se encontravam nas salas de espera dos serviços de ginecologia e obstetrícia, sendo que apenas algumas delas se encontravam acompanhadas pelos parceiros, motivo pelo qual o número de sujeitos do sexo masculino é menor.

99% dos sujeitos tem o português como língua materna, sendo um sujeito de língua materna diferente.

Relativamente ao grau de escolaridade dos sujeitos, este varia entre um grau de escolaridade inferior ao 12º ano e estudos pós-graduados ou equivalente. A maioria dos sujeitos possui uma licenciatura ou grau equivalente (42%), 21% tem o 12º ano e 18% possui um grau de escolaridade inferior ao 12º ano. Dos restantes sujeitos, 11% frequentaram a faculdade, sem conclusão da licenciatura, 5% têm o 12º ano com Diploma Profissional Específico e apenas 3% uma pós-graduação ou equivalente (Tabela 3).

Quanto ao estatuto laboral, foi possível verificar que a maioria dos sujeitos estão empregados (80%), sendo que 72% encontram-se empregados a tempo inteiro e 8% estão empregados a tempo parcial. Os restantes sujeitos encontram-se desempregados (15%), sendo que 12% estão à procura de trabalho e 3% não estão à procura de emprego. Importa referir que 5% dos sujeitos declarou encontrar-se noutra situação laboral não especificada (Tabela 4).

Quanto ao estatuto marital, a maioria dos sujeitos está casado e a viver com o cônjuge (66%), encontrando-se 27% a viver em união consensual e 7% solteiros (Tabela 5).

Relativamente ao nível socioeconómico, foi possível verificar que 18% dos sujeitos apresenta um nível socioeconómico baixo, 31% médio, 27% elevado e 13% desempregados (tabela 6).

**Tabela 1. Dados descritivos – idade**

	Amostra Total
Média	30,845
Mínimo	18,6
Máximo	43,6
N	100
DP	4,7674

**Tabela 2. Dados descritivos – Sexo**

	N	%
Masculino	21	21,0
Feminino	79	79,0
Total	100	100

**Tabela 3. Dados descritivos – Grau de escolaridade**

	N	%
Inferior ao 12º Ano	18	18,0
12º Ano	21	21,0
12º Ano com Diploma Profissional Específico	5	5,0
Frequência na Faculdade sem conclusão de Licenciatura	11	11,0
Licenciatura ou Grau Equivalente	42	42,0
Pós-Graduação ou Equivalente	3	3,0
Total	100	100,0

**Tabela 4. Dados descritivos – Situação laboral**

	Amostra Total	%
Desempregado e Não à Procura de Emprego	3	3,0
Desempregado à Procura de Trabalho	12	12,0
Empregado a Tempo Parcial	8	8,0
Empregado a Tempo Inteiro	72	72,0
Outra	5	5,0
Total	100	100

**Tabela 5. Dados descritivos – Estatuto marital**

	n	%
Casado e a Viver com o Cônjuge	66	66,0
União Consensual	27	27,0
Solteiro	7	7,0
Total	100	100

**Tabela 6. Dados descritivos – Nível socioeconómico**

	n	%
Baixo	18	18,0
Médio	31	31,0
Elevado	27	27,0
Desempregado	13	13,0
Missing system	11	11,0
Total	100	100

## 2. Instrumentos

### Formulário de Dados Pessoais

Com o objectivo de recolher dados sociobiográficos foi utilizado a adaptação portuguesa do formulário de Rohner (2008). Os dados contemplados no formulário foram os seguintes: idade, língua materna, grau de escolaridade, situação laboral, ocupação e estatuto marital (cf. Anexo 1).

**Tabela 7. Operacionalização do Questionário sobre a Gravidez (QM e QH)**

Itens	Categorias	Conteúdo (o que medem)
1	Positivo Negativo	Envolvimento na gravidez
2	Sim Não	Envolvimento na gravidez
3	Tristeza Indiferença	Envolvimento na gravidez
4	Marido Outros	Comunicação entre o Casal
5	Sem categorias	Consciencialização acerca das mudanças na gravidez
6	Positivo Negativo Ambivalência	Envolvimento na gravidez
7	Sem categorias	Consciencialização das implicações da parentalidade
8	Positivo Negativo	Envolvimento na gravidez
9	Espero Apoio Não espero apoio	Suporte Social
10	Não pensei muito nisso Não	Planeamento do parto
11a)	Mudanças instrumentais Crescimento Pessoal Não afectará	Consciencialização das implicações da parentalidade
11 b) e c)	Positivo Negativo Não afectará	Consciencialização das implicações da parentalidade
12	Sim Não Mais ou menos	Consciencialização das implicações da parentalidade
13	Sim Não	Consciencialização das implicações da parentalidade
14	Sim Não	Consciencialização das implicações da parentalidade
15	Sim Não	Comunicação entre o casal
16	Sim Não	Planeamento do parto

### Questionário sobre a Gravidez

A elaboração do Questionário sobre a gravidez, utilizado na presente investigação, baseou-se na *Entrevista pré-natal para a promoção da saúde mental na Gravidez e Primeira infância: Promoção da Saúde Mental na gravidez e primeira infância – Manual de orientação para profissionais de saúde da Direcção Geral da Saúde (DGS, 2005) (cf. Anexo 2)*

Atendendo à população-alvo (mulheres grávidas e respectivos parceiros) foram elaboradas duas versões, para as mulheres (QM) e para os homens (QH). As questões de ambas as versões são as mesmas, tendo-se apenas distinguido o sexo dos respondentes na formulação das questões. Este questionário é constituído por 16 questões abertas (sendo algumas compostas por várias alíneas), (cf. Anexo 3) que pretendem proceder a um levantamento dos sentimentos predominantes dos futuros pais face à gravidez e parentalidade.

Assim, o conteúdo das questões remete para o nível de envolvimento na gravidez (questões 1, 2, 3, 6 e 8) consciencialização das implicações da parentalidade (questões 7, 11, 12, 13 e 14), planeamento do parto (questão 10 e 16), comunicação no casal (4, 15), suporte social (questão 9) e consciencialização acerca das mudanças durante a gravidez (questão 5).

Com vista à operacionalização das respostas dos sujeitos, procedeu-se à criação de categorias, a partir da análise prévia dos depoimentos em função dos sentimentos/attitudes predominantes face à gravidez e parentalidade.

Após uma primeira categorização, realizou-se uma segunda de forma a simplificar as categorias iniciais em função das tendências de resposta (tabela 7).

Assim, na segunda categorização, as respostas dos sujeitos foram inseridas nas seguintes categorias: Sentimentos Positivo/Negativo (questão 1 e 8); Sim/Não (questão 2, 7, 13, 14, 15, 16); Tristeza/Indiferença (questão 3); Marido/Outros (questão 4); Positivo/Negativo/Ambivalência (questão 6); Espero Apoio/Não espero Apoio (questão 9); Sim/Não pensei muito nisso/Não (questão 10); Mudanças instrumentais/Crescimento Pessoal/Não afectará (questão 11a); Positivo/Negativo/Não afectará (questão 11b e 11 c); Sim/Não/Mais ou menos (questão 12).

#### **Adult PARQ: Mother (Short Form) – (Rohner, 2004)**

O Questionário de Aceitação-Rejeição Parental (PARQ) para adultos constitui a primeira versão experimental da adaptação portuguesa de Franco-Borges & Vaz-Rebello (2010) do Adult PARQ – *Parental Acceptance-Rejection Questionnaire* – short form (Rohner, 2004). Este questionário comporta duas versões, uma relativa à mãe (PARQ\_M) e a outra ao pai (PARQ\_F), e pretende avaliar a percepção do adulto sobre o nível de aceitação-rejeição parental quando tinha entre 7 e 12 anos de idade (Rohner & Khaleque, 2008).

O Questionário de Aceitação-Rejeição parental (Adult-PARQ -short form) é um instrumento de auto-resposta composto por 24 itens (Rohner & Khaleque, 2008). É constituído por quatro sub-escalas correspondentes às quatro dimensões do comportamento parental, a partir das quais os adultos tendem a organizar as suas percepções de aceitação-rejeição parental: a) Afectuosidade (itens 1, 3, 9, 12, 17, 19, 22 e 24), b) Hostilidade/Agressão (itens 4, 6, 10, 14, 18 e 20), c) Indiferença/Negligência (itens 2, 7, 11, 13, 15 e 23) e d) Rejeição Indiferenciada (5, 8, 16 e 21).

As respostas obedecem a uma escala de Likert de 4 pontos: 4) muitas vezes verdade, 3) às vezes verdade, 2) raramente verdade, e 1) nunca verdade (Rohner & Khaleque, 2008).

O score total do PARQ traduz o nível de rejeição parental percebido, podendo oscilar entre o mínimo de 24 (elevada aceitação percebida) e o máximo de 96 (rejeição percebida elevada). O ponto modal é de 60 pontos, a partir do qual se conclui pela predominância de rejeição percebida (Rohner & Khaleque, 2008).

Apesar de não existirem estudos em Portugal da short-form do PARQ\_M, estudos prévios de validação de 1975 do Adult-PARQ (Mother Version) referem um alfa superior a .80. Assim, uma vez que os itens deste instrumento derivam da long form do PARQ, é esperado que as condições psicométricas sejam excelentes (Rohner & Khaleque, 2008). No estudo de Oliveira (2010), a partir de uma amostra de pré-adolescentes, os valores da

consistência interna (alfa de cronbach) de cada uma das subescalas da segunda versão da adaptação portuguesa oscilaram entre .73 e .99. No estudo de Pires, a partir de uma amostra de sujeitos com idades entre 9 e 13 anos, os valores de consistência interna variaram entre um mínimo de .73 (Rejeição Indiferenciada) e um máximo de .83 (Hostilidade/Agressão), no Questionário da Percepção da Atitude da Mãe (PAM).

Na presente investigação apenas será utilizado a versão relativa à mãe (PARQ\_M) (cf. Anexo 4).

**Escala de Generatividade (Vaz - Rebelo & Franco - Borges, 2007): adaptação portuguesa da Loyola Generativity Scale – LGS (McAdams & de St. Aubin, 1992)**

A adaptação portuguesa da Escala de Generatividade (Franco – Borges & Vaz – Rebelo 2007) *Loyola Generativity Scale* –LGS de McAdams & de St. Aubin (1992), a qual será identificada no estudo como EG (cf. Anexo 5) é composta por 20 itens com 4 níveis de resposta (0 = Nunca; 1 = raramente; 2 = geralmente; 3 = sempre ou quase sempre).

Os itens constituintes da escala reflectem várias dimensões da generatividade, como a transmissão de conhecimentos/ experiências e preocupação com as gerações futuras, o contributo para a comunidade através do envolvimento em determinadas actividades/ organizações, a responsabilização pelos outros, realização de actividades susceptíveis de virem a ser recordadas por um longo período de tempo. A escala incide em intenções/crenças sobre a *generatividade* e não em ações concretas relacionadas com a mesma, podendo ser usada em diferentes etapas do ciclo vital.

No que concerne à cotação dos itens, os itens 2, 5, 9, 13, 14, 15, têm cotação invertida, assumindo os restantes o valor do nível de resposta. Deste modo, o score total poderá oscilar entre um mínimo de 0 e um máximo de 60.

A validade e consistência interna da escala foram analisadas em estudos anteriores (Ferreira Alves e colaboradores, 2006; Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007). Na segunda adaptação (Franco-Borges & Vaz-Rebelo 2007), realizada a partir de 391 estudantes da Universidade de Coimbra, foi possível verificar que a escala da generatividade constituiu um instrumento com características psicométricas adequadas à população portuguesa-alvo, tendo sido obtido um valor de alfa de Cronbach de 0.79.

### 3. Procedimentos

A recolha de dados, realizada em conjunto com a colega Marisa Oliveira decorreu no Centro de Saúde de Eiras (CSE) e no Hospital Privado Clipóvoa (Póvoa de Varzim), entre Março e Dezembro de 2011. Para além do recurso às instituições supracitadas, também recolhemos dados junto de grávidas e parceiros nossos conhecidos ou que encontrávamos ocasionalmente em locais públicos.

No Centro de Saúde de Eiras, a amostra foi recolhida junto das grávidas e respectivos parceiros que participaram no programa de

intervenção primária intitulado “Descobrir a Maternidade Sentindo-a”, tendo os questionários sido preenchidos numa sala onde decorriam as sessões do programa. Ainda no CSE, recolheram-se igualmente dados junto de outras grávidas que eram acompanhadas nas consultas de planeamento familiar.

No Hospital Privado Clipóvia (Póvoa de Varzim) procedeu-se ao envio de um pedido de autorização ao director do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia para a administração dos questionários junto dos utentes do serviço. Assim, tal como ficou acordado com o director do serviço supracitado, os dados foram recolhidos junto das grávidas e respectivos parceiros nas salas de espera do serviço de Ginecologia e Obstetrícia, maioritariamente na presença da investigadora, que se disponibilizou para esclarecer qualquer dúvida aquando do preenchimento dos questionários.

#### **IV - Resultados**

A análise estatística dos resultados foi trabalhada através do programa SPSS (Social Package for the Social Sciences), versão 17 para Windows. Os resultados encontram-se organizados segundo a análise da fidelidade interna dos instrumentos (consistência interna), à excepção do QM e QH, por não possuírem um score total, dados descritivos para cada um dos instrumentos utilizados e dados inferenciais. Na análise da relação entre os dados da amostra (N=100), utilizaram-se testes não-paramétricos para a comparação de médias, U de Mann Whitney e Kruskal-Wallis, o teste paramétrico de correlação r de Pearson e regressão linear simples e múltipla.

##### **1. Consistência interna das Escalas**

Para avaliar a consistência interna das escalas EG e PARQ\_M foi calculado o alfa de cronbach, o qual obteve um resultado fraco para ambas as escalas: EG ( $\alpha = .644$ ) e PARQ\_M ( $\alpha = .561$ ).<sup>1</sup>

A análise da correlação inter-item e da correlação item-total em ambas as escalas, permitiu verificar que alguns itens (formulados negativamente) eram responsáveis pelo baixo valor do alfa de cronbach, (cf. Anexo 6), tendo sido suprimidos para conferir maior consistência à EG e ao PARQ\_M, cujos valores do alfa de cronbach passaram a ser, respectivamente, de .843 e de .833, tal como observa nas tabelas 8 e 9. O facto da maioria dos questionários terem sido administrados em locais não estruturados (salas de espera) e com estímulos distractores poderá ter contribuído para a falta de atenção dos sujeitos na leitura e preenchimento do questionário, designadamente perante os itens formulados negativamente, justificando a sua eliminação neste estudo.

---

<sup>1</sup> Foi utilizada a convenção de Pestana e Gageiro (2008), para qualificar a consistência da escala, precisamente, alfas de cronbach inferiores a .60, é considerada uma consistência interna inadmissível; fraca entre .60 e .70; razoável entre .70 e .80; boa entre .80 e .90; e muito boa quando superior a .90.

**Tabela 8. Consistência interna da EG: Valor da correlação item-total e respectivo alfa quando o item é eliminado**

Itens retirados	Correlação item-total	Alfa de Cronbach se item eliminado	N de itens total
13	-, 239	, 696	19
15	-, 245	, 739	18
14	-, 103	, 768	17
2	-, 169	, 796	16
5	-, 117	, 823	15
9	, 002	, <b>843</b>	14

**Tabela 9. Consistência interna do PARQ\_M: Valor da correlação item-total e respectivo alfa quando o item é eliminado**

Itens retirados	Correlação item-total	Alfa de Cronbach se item eliminado	N de itens total
1	,686	, 651	23
9	,668	, 724	22
12	,766	, 784	21
24	,767	, <b>833</b>	20

Deste modo, para efeitos da análise de dados, eliminaram-se os itens 13, 15, 14, 2, 5 e 9 da EG, passando o número de itens total a ser 14 e oscilando entre um valor mínimo de 0 e um valor máximo de 42. No PARQ\_M eliminaram-se os itens 1, 9, 12 e 14, passando o número de itens total para 20 e a pontuação a oscilar entre 20 e 80.

### **1.1. Valor preditivo dos itens do Questionário sobre a Gravidez, versões mulher (QM) e homem (QH)**

De forma a testar o valor preditivo dos itens do QG, procedeu-se à análise da sua relação com o EG e o PARQ\_M através do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e do teste paramétrico U de Mann Whitney.

Tal como referido anteriormente, o Questionário sobre a Gravidez (versão QM e QH) é constituído por questões abertas que remetem para a parentalidade, não possuindo um score total. Nesse sentido, analisámos a relação entre as categorias de respostas operacionalizadas, e os scores globais da EG e do PARQ\_M. Assim, foram realizadas comparações entre as médias da EG relativamente às categorias de respostas dos itens do QM e do QH e, posteriormente, entre as médias do PARQ\_M relativamente às categorias de resposta dos itens do QM e do QH.

Relativamente à análise das categorias de resposta dos itens do QM em função das médias de generatividade (EG), demonstraram-se significativamente diferenciados os seguintes itens: 1, 2, 6, 8, referentes ao envolvimento na gravidez e os itens 12 e 13 relativos à consciencialização das implicações da parentalidade). Quanto à comparação das médias de generatividade (EG) em função das categorias de resposta aos itens do QH e a EG, apenas o item 10, relativo ao planeamento do parto, se mostrou significativamente diferenciador do nível de generatividade (cf. Anexo 7).

Na análise das categorias de resposta dos itens do QM em função da média de rejeição materna percebida (PARQ\_M), demonstraram-se estatisticamente significativos os itens 2, 8 (envolvimento na gravidez), o item 4 (comunicação entre o casal) e os itens 12 e 13 (consciencialização das implicações da parentalidade). Na comparação entre as categorias de resposta dos itens do QH em função da média de rejeição materna

percepcionada (PARQ\_M), apenas o item 16 (planeamento do parto) se revelou estatisticamente associado à rejeição materna percepcionada (cf. Anexo 8).

## 2. Análise dos resultados descritivos

### 2.1. Questionário sobre a Gravidez – versão para as mulheres (QM)

Na questão 1 procurou-se verificar qual a primeira reacção perante a gravidez. Na categoria “Positiva” incluíram-se respostas como “Felicidade”, “Tranquilidade”, “Realização”, “Bem”. Por sua vez, a categoria “Negativa” inclui respostas como “Ansiedade”, “Preocupação”, “Tristeza” e “Receio”. Quanto à categoria “Ambivalência”, incluíram-se as respostas relacionadas com “Incerteza”, “Confusão”, “Surpresa” e “Sem reacção”. Verificou-se que 84,8% das grávidas manifestaram uma primeira reacção “Positiva” perante a gravidez”, 8,9% “Negativa” e 6,3% “Ambivalente” (Tabela 10).

**Tabela 10. QM1 – Primeira reacção à gravidez**

Categoria	N	%
Positiva	67	84,8
Negativa	7	8,9
Ambivalência	5	6,3
Total	79	100

Na questão 2 categorizaram-se as respostas acerca da gravidez planeada em “Sim” e “Não”. Nesta questão, três grávidas responderam “mais ou menos”, resposta que foi incluída na categoria “Sim”, por se ter depreendido (através da totalidade das respostas do questionário) que se tratavam de gravidezes desejadas, embora a planear para um futuro próximo. Verificou-se que 72,2% das grávidas referem que a gravidez foi planeada e 27,8% referem não a ter planeado (tabela 11).

**Tabela 11. QM2 - Gravidez planeada**

Categoria	N	%
Sim	57	72,2
Não	22	27,8
Total	79	100

Na questão 3 categorizaram-se as respostas como “Sim” ou “Não” relativamente aos sentimentos perante um aborto espontâneo. Na categoria “Sim” incluíram-se respostas como “Tristeza”, “Desgosto/Desilusão”, “Frustração”, “Depressão/Vazio”, “Impotência”, “Culpa” e “Preocupação”. Quanto à categoria “Indiferença”, incluíram-se respostas como “Alívio” e “Indiferença”. Verificou-se que 97,5% das grávidas experienciarium um sentimento de “Tristeza” e 2,5% “Indiferença”, tal como se observa na tabela 12.

**Tabela 12. QM3 - Sentimento se abortasse**

Categoria	N	%
Tristeza	77	97,5
Indiferença	2	2,5
Total	79	100

Na questão 4, relativa à pessoa a quem deram a notícia da gravidez em primeiro lugar, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Marido/Parceiro” e “Outros”, sendo que nesta última categoria se incluem todas as outras respostas (e.g. “Filho (a)”, “Amigo(a)”, “Irmã”). Verificou-se que 83,5% das grávidas (tabela 13) refere ter sido o parceiro a primeira pessoa a saber que estavam grávidas, enquanto 16,5% refere ter sido outra pessoa significativa.

**Tabela 13. QM4 - Primeira pessoa a quem comunicou a gravidez**

Categoria	N	%
Marido/Parceiro	66	83,5
Outros	13	16,5
Total	79	100

Relativamente à questão 5 “Que mudanças tem notado em si própria desde que engravidou?”, não foi considerada para a análise dos dados, uma vez que a maioria das respostas se referiam a mudanças comuns durante a gravidez, tendo-se verificado uma grande variedade de respostas, salientando-se as “Mudanças físicas”, “Mudanças de humor”, “Maior sensibilidade”.

A questão 6 indagava sobre o sentimento geral predominante relativamente à gravidez. Na categoria “Positivo” incluíram-se respostas positivas, sendo que as mais frequentes se referiam a “Tranquilidade”, “Bem-estar”, “Felicidade”, “Confiança”. Respostas como “Tristeza”, “Preocupação/Receio”, “Ansiedade” e “Limitação”, incluíram-se na categoria “Negativo”. Na categoria “Ambivalência” inseriram-se as respostas ambíguas (presença de sentimentos positivos e negativos). Verificou-se que 81% das grávidas deram respostas “Positivas”, 15,2% “Negativas”, e 2,5% “Ambivalentes” (tabela 14).

**Tabela 14. QM6 -Sentimento face à gravidez**

Categoria	N	%
Positivo	64	81
Negativo	12	15,2
Ambivalência	2	2,5
Missing System	1	1,3
Total	79	100

Na questão 7, relativa à preocupação em alterar rotinas, categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 89,9% das grávidas mostraram preocupação em alterar rotinas, contra 10,1% que não se preocuparam em alterar as suas rotinas (tabela 15).

**Tabela 15. QM7- Preocupação em alterar rotinas**

Categoria	N	%
Sim	71	89,9
Não	8	10,1
Total	79	100

Na questão 8 procurou-se verificar quais os sentimentos predominantes durante a gravidez. Para tal, foi apresentada uma listagem de

9 adjectivos para a selecção de 3 julgados como mais relevantes. Na categoria dos sentimentos “Positivos” incluíram-se os seguintes: “Feliz”, “Alegre”, “Optimista”, “Satisfeita”, “Confiante”, “Bonita”. Em contrapartida, a categoria dos sentimentos “Negativos” contemplou os seguintes: “Insegura”, “Assustada”, “Preocupada”, “Surpreendida”, “Feia”. Verificou-se que 86,1% das grávidas (tabela 16) se descrevem de forma positiva e 13,9 % de forma negativa.

**Tabela 16. QM8 - Sentimentos predominantes**

Categoria	N	%
Positivos	68	86,1
Negativos	11	13,9
Total	79	100

A questão 9 agrupa duas questões que remetem essencialmente para o apoio desejado e esperado, tendo-se categorizado as respostas da seguinte forma “Espero apoio” e “Não espero apoio”. Salienta-se que o apoio esperado é maioritariamente por parte do companheiro e da família, verificou-se que 84,8% contam com suporte, enquanto 7,6% não esperam qualquer tipo de apoio (tabela 17).

**Tabela 17. QM9 - Suporte esperado**

Categoria	N	%
Espero apoio	67	84,8
Não espero apoio	6	7,6
Missing System	6	7,6
Total	79	100

Na questão 10 categorizaram-se as respostas como “Sim”, “Não pensei muito nisso” e “Não”, relativamente à planificação do parto. Verificou-se que 88,6% das grávidas já pensaram acerca do parto, 6,3% ainda não pensaram muito acerca disso, e 5,1 % ainda não pensaram acerca do parto (tabela 18).

**Tabela 18. QM10 - Pensou no parto**

Categoria	N	%
Sim	70	88,6
Não pensei muito nisso	5	6,3
Não	4	5,1
Total	79	100

A questão 11 “De que modo a chegada do bebé vai afectar os seguintes aspectos da sua vida?” comporta 4 alíneas (tabelas 16,17 e 18), que procuram perceber de que modo a chegada do bebé afectará as grávidas a nível a) pessoal, b) familiar, c) relação com o parceiro e a d) nível económico. Relativamente ao nível económico, as respostas não foram consideradas, uma vez que, de um modo geral todos os sujeitos referiram que a chegada do bebé comportaria “maiores gastos” e “maior gestão do orçamento familiar”, não se diferenciando entre si.

Na questão 11a), categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Mudanças instrumentais”, onde se incluíram respostas relativas à “alteração

de rotinas”, “gestão do tempo” e “conciliação de tarefas”; “Crescimento pessoal”, respostas com referência a “mais responsabilidade”, “realização pessoal”. Verificou-se que 54,4% das grávidas referiram “Mudanças instrumentais”, 32,9% ganhos no “Crescimento pessoal”, enquanto 8,9% consideram que a chegada do bebé “Não afectará” a vida pessoal (tabela 19).

**Tabela 19. QM11a) - Nível pessoal**

Categoria	N	%
Mudanças instrumentais	43	54,4
Crescimento pessoal	26	32,9
Não afectará	7	8,9
Missing System	3	3,8
Total	79	100

Na questão 11b), relativa à antecipação de mudanças a nível familiar, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Positivo/Fortalecimento”, na qual se incluem 57% das respostas (tabela 20), “Negativo/Obstáculos”, onde se incluem 11,4% e “Não Afectará”, com 24,1% de respostas.

**Tabela 20. QM11b) - Nível familiar**

Categoria	N	%
Positivo/Fortalecimento	45	57
Negativo/Obstáculos	9	11,4
Não afectará	19	24,1
Missing System	6	7,6
Total	79	100

Na questão 11c), relativa à antecipação de mudanças no relacionamento com o parceiro, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Positivo/Fortalecimento”, tendo contemplado 41,8% das grávidas, “Negativo/Obstáculos”, com 29,1% e “Não Afectará”, com 21,5% de respostas (tabela 21).

**Tabela 21. QM11c) - Nível relação conjugal**

Categoria	N	%
Positivo/Fortalecimento	33	41,8
Negativo/Obstáculos	23	29,1
Não afectará	17	21,5
Missing System	6	7,6
Total	79	100

A questão 12, procede ao levantamento do nível de confiança para lidar com as mudanças, tendo as respostas sido categorizadas da seguinte forma: “Sim” (79,7%), “Não”, onde se incluem (5,1%) e “Mais ou Menos” (8,9%), tal como se observa na tabela 22.

**Tabela 22. QM12 - Confiança para lidar com mudanças**

Categoria	N	%
Sim	63	79,7
Não	4	5,1
Mais ou menos	7	8,9
Missing System	5	6,3
Total	79	100

Na questão 13, referente à preocupação com uma possível depressão pós-parto, categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”. Salienta-se que as respostas “mais ou menos” foram incluídas na categoria “Sim”, visto existir (ainda que em menor escala, comparativamente às grávidas que responderam “Sim”) algum tipo de preocupação. Verificou-se que 35,4% das grávidas evidenciou preocupação relativamente a uma depressão pós-parto, contra 63,3% que afirmam não ter essa preocupação (tabela 23).

**Tabela 23. QM13 - Preocupação depressão pós-parto**

Categoria	N	%
Sim	28	35,4
Não	50	63,3
Missing System	1	1,3
Total	79	100

A questão 14 diz respeito à tomada de decisão relativamente à amamentação, tendo-se categorizado as respostas em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 79,7% das grávidas já tomou uma decisão acerca da amamentação, ao passo que 19 % ainda não tomou essa decisão (tabela 24).

**Tabela 24. QM14 - Decisão relativamente à amamentação**

Categoria	N	%
Sim	63	79,7
Não	15	19
Missing System	1	1,3
Total	79	100

Na questão 15 categorizaram-se as respostas relativas à partilha com o parceiro das decisões quanto à amamentação em “Sim” e “Não”, tendo-se verificado que 54,4% responderam afirmativamente e 43 % negativamente (tabela 25).

**Tabela 25. QM15 – Amamentação: discussão com o parceiro**

Categoria	N	%
Sim	43	54,4
Não	34	43
Missing System	2	2,5
Total	79	100

A questão 16 que respeito à eventual frequência de um curso de preparação para o parto, tendo-se categorizado as respostas em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 19% das grávidas responderam afirmativamente (tabela 26), contra 79,7% de respostas negativas.

**Tabela 26. QM16 - Frequente curso preparação parto**

Categoria	N	%
Sim	15	19
Não	63	79,7
Missing System	1	1,3
Total	79	100

## 2.2. Questionário sobre a Gravidez – versão para os homens (QH)

Na questão 1 procurou-se verificar qual a primeira reacção dos homens perante a gravidez. Na categoria “Positiva” incluíram-se respostas

como “Felicidade”, “Tranquilidade”, “Realização”. Verificou-se que todos os homens (100%) manifestaram uma primeira reacção positiva perante a gravidez (tabela 27).

**Tabela 27. QH1 - Primeira reacção gravidez**

Categoria	N	%
Positiva	21	100
Total	21	100

Na questão 2 categorizaram-se as respostas acerca da gravidez planeada em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 71,4% (tabela 28) dos homens referem que a gravidez foi planeada e 28,6% referem não a terem planeado.

**Tabela 28. QH2 - Gravidez planeada**

Categoria	N	%
Sim	15	71,4
Não	6	28,6
Total	21	100

Na questão 3 que se refere ao sentimento perante um aborto espontâneo por parte da parceira, categorizaram-se as respostas em “Sim” ou “Não”. Na categoria “Sim” incluíram-se respostas como “Tristeza”, “Desilusão”, “Frustração”, “Impotência” e “Preocupação”. Quanto à categoria “Indiferença”, incluíram-se respostas como “Alívio” e “Indiferença”. Verificou-se que 95,2% dos homens experienciariam um sentimento de “Tristeza” e 4,8% de “Indiferença”, tal como se pode observar na tabela 29.

**Tabela 29. QH3 - Sentimento se abortasse**

Categoria	N	%
Tristeza	20	95,2
Indiferença	1	4,8
Total	21	100

Na questão 4 relativa à primeira pessoa a saber da notícia da gravidez, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Sim (95,2%) e “Não” (4,8%), tal como se observa na tabela 30.

**Tabela 30. QH4 - Primeiro a saber da gravidez**

Categoria	N	%
Sim	20	95,2
Não	1	4,8
Total	21	100

Relativamente à questão 5 “Que mudanças tem notado na sua parceira desde que engravidou?”, não foi considerada para a análise dos dados, uma vez que a maioria das respostas se referiam a mudanças comuns durante a gravidez, tendo-se verificado uma grande variedade de respostas, salientando-se as “Mudanças físicas”, “Mudanças de humor”, “Maior sensibilidade”.

A questão 6 indagava sobre o sentimento geral predominante relativamente à gravidez. Na categoria “Positivo” incluíram-se respostas positivas, sendo que as mais frequentes se referiam a “Bem-estar”, “Felicidade”, “Confiança”. Respostas como “Tristeza”, “Preocupação/Receio” incluíram-se na categoria “Negativo”. Verificou-se que 95,2% dos homens deram respostas “Positivas” (tabela 31) e 4,8% “Negativas”.

**Tabela 31. QH6 - Sentimento face à gravidez**

Categoria	N	%
Positivo	20	95,2
Negativo	1	4,8
Total	21	100

A questão 7, relativa a “preocupação em ajudar a parceira a alterar algumas rotinas diárias”, não foi considerada para a análise dos dados.

Na questão 8 procurou-se verificar quais os sentimentos predominantes dos homens durante a gravidez. Para tal, foi apresentada uma listagem de 7 adjectivos para a selecção de 3 julgados como mais relevantes. Na categoria dos sentimentos “Positivos” incluíram-se os seguintes: “Feliz”, “Alegre”, “Optimista”, “Satisfeito”, “Confiante”. Em contrapartida, a categoria dos sentimentos “Negativos” contemplou os seguintes: “Inseguro”, “Assustado”, “Preocupado”, “Surpreendido”. Verificou-se que 90,5% dos homens se descrevem de forma positiva e 9,5 % de forma negativa (tabela 32).

**Tabela 32. QH8 - Sentimentos predominantes**

Categoria	N	%
Positivos	19	90,5
Negativos	2	9,5
Total	21	100

A questão 9 agrupa duas questões que remetem essencialmente para o apoio desejado e esperado, tendo-se categorizado as respostas da seguinte forma “Espero apoio” e “Não espero apoio”.

Salienta-se que o apoio esperado é maioritariamente por parte da família. Verificou-se que 81% contam com suporte, enquanto 14,3% não esperam qualquer tipo de apoio (tabela 33).

**Tabela 33. QH9 - Suporte esperado**

Categoria	N	%
Espero apoio	17	81
Não espero apoio	3	14,3
Missing System	1	4,8
Total	21	100

Na questão 10 categorizaram-se as respostas como “Sim”, e “Não”, relativamente à planificação do parto. Verificou-se que 66,7% dos homens já pensou acerca do parto da sua parceira e 28,6 % ainda não pensou acerca do parto (tabela 34).

**Tabela 34. QH10 - Pensou no parto**

Categoria	N	%
Sim	14	66,7
Não	6	28,6
Missing System	1	4,8
Total	21	100

A questão 11 “De que modo a chegada do bebé vai afectar os seguintes aspectos da sua vida?” comporta 4 alíneas (tabelas 32, 33 e 34), que procuram perceber de que modo a chegada do bebé afectará os futuros pais a nível a) pessoal, b) familiar, c) relação com o parceiro e a d) nível económico. Relativamente ao nível económico, as respostas não foram consideradas, uma vez que, de um modo geral, todos os sujeitos referiram que a chegada do bebé comportaria “maiores gastos” e “maior gestão do orçamento familiar”, não se diferenciando entre si.

Na questão 11a), categorizaram-se as respostas da seguinte forma “Mudanças instrumentais”, onde se incluíram respostas relativas à “alteração de rotinas”, gestão do tempo”; no “Crescimento pessoal” respostas com referência a “maior responsabilidade”, “realização pessoal”. Verificou-se que 42,9% dos homens referiram “Mudanças instrumentais” (tabela 35), 47,6% ganhos no “Crescimento pessoal”, enquanto 9,5% consideram que a chegada do bebé “Não afectará” a vida pessoal.

**Tabela 35. QH11a) - Nível pessoal**

Categoria	N	%
Mudanças instrumentais	9	42,9
Crescimento pessoal	10	47,6
Não afectará	2	9,5
Total	21	100

Na questão 11b), relativa à antecipação de mudanças a nível familiar, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Positivo/Fortalecimento”, na qual se incluem 66,7% das respostas, “Negativo/Obstáculos”, onde se incluem 4,8% e “Não Afectará” com 23,8% de respostas (tabela 36).

**Tabela 36. QH11b) - Nível familiar**

Categoria	N	%
Positivo/Fortalecimento	14	66,7
Negativo/Obstáculos	1	4,8
Não afectará	5	23,8
Missing System	1	4,8
Total	21	100

Na questão 11c), relativa à antecipação de mudanças no relacionamento com o parceiro, categorizaram-se as respostas da seguinte forma: “Positivo/Fortalecimento”, tendo contemplado 61,9%, “Negativo/Obstáculos”, com 19% e “Não Afectará” com 19%. De respostas (tabela 37).

**Tabela 37.QH11c) - Nível relação conjugal**

Categoria	N	%
Positivo/Fortalecimento	13	61,9
Negativo/Obstáculos	4	19
Não afectará	4	19
Total	21	100

A questão 12, procede ao levantamento do nível de confiança para lidar com as mudanças, tendo as respostas sido categorizadas apenas na categoria “Sim”, visto todos os homens se consideram confiantes para lidarem com as mudanças (95,2%), tal como se observa da tabela 38.

**Tabela 38. QH12 - Confiança para lidar com mudanças**

Categoria	N	%
Sim	20	95,2
Missing System	1	4,8
Total	21	100

Na questão 13, referente à preocupação com uma possível depressão pós-parto, categorizaram-se as respostas em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 9,5% dos homens evidenciou preocupação relativamente a uma depressão pós-parto, contra 90,5%, que afirmam não ter essa preocupação (tabela 39).

**Tabela 39. QH13 - Preocupação depressão pós-parto**

Categoria	N	%
Sim	2	9,5
Não	19	90,5
Total	21	100

A questão 14 diz respeito à tomada de decisão relativamente à amamentação, tendo-se categorizado as respostas em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 47,6% dos homens (tabela 40) já tomou uma decisão acerca da amamentação, ao passo que 52,4 % ainda não tomou essa decisão.

**Tabela 40. QH14 - Decisão relativamente à amamentação**

Categoria	N	%
Sim	10	47,6
Não	11	52,4
Total	21	100

Na questão 15 categorizaram-se as respostas relativas à partilha com a parceira das decisões quanto à amamentação em “Sim” e “Não”, tendo-se verificado que 52,4 % responderam afirmativamente e 47,6 % negativamente (tabela 41).

**Tabela 41. QH15 - Amamentação – discussão com a parceira**

Categoria	N	%
Sim	11	52,4
Não	10	47,6
Total	21	100

A questão 16 diz respeito à eventual frequência de um curso de preparação para o parto, tendo-se categorizado as respostas em “Sim” e “Não”. Verificou-se que 9,5% dos homens (tabela 42) responderam afirmativamente, contra 90,5 % de respostas negativas.

**Tabela 42. QH16 - Frequenta curso preparação parto**

Categoria	N	%
Sim	2	9,5
Não	19	90,5
Total	21	100

### 2.3. Escala da Generatividade - EG

O score total da EG traduz o índice de generatividade dos sujeitos, tendo oscilado entre o mínimo de 9 e o máximo de 37, atendendo à eliminação de 6 itens da versão original, com vista a uma maior confiança na sua validade interna. Os resultados revelam que a maioria dos sujeitos (91%) tem um índice de generatividade elevado. (tabela 43). A média do índice de generatividade dos sujeitos é de 27,67 (DP=6,45).

**Tabela 43. Dados descritivos – EG**

	Amostra	Total	%
N	100		
Média	27,67		
Moda	29,00		
D.P.	6,45		
Mínimo	9,00		
Máximo	37,00		
>= 27,67	58		58
< 27,67	42		42

### 2.4. Questionário de Aceitação-Rejeição Parental: versão mãe - PARQ\_M

O score total da escala traduz o nível de rejeição materna percebida, podendo oscilar entre o mínimo de 20 (ausência de rejeição percebida) e o máximo de 80 (rejeição percebida elevada). O ponto modal é de 50 pontos, a partir do qual se considera haver um nível significativo de rejeição percebida. Assim, os resultados revelam que 86 dos sujeitos (86%) não demonstra perceber rejeição materna significativa, enquanto 14 sujeitos (14%) percebem rejeição materna. A pontuação média dos sujeitos é de 34,41 (Tabela 44).

**Tabela 44. Dados descritivos PARQ\_M**

	Amostra	Total	%
N	100		
Média	34,41		
Moda	20		
D.P.	14,8		
Mínimo	20		
Máximo	77		
< 50	86		86
≥ 50	14		14

### 3. Relação entre as Variáveis: teste das hipóteses

#### 3.1. Relação entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade

**Hipótese 1:** A rejeição materna percebida associa-se negativamente ao índice de generatividade durante a gravidez.

Para testar a **H1** correlacionou-se a rejeição materna percebida e o índice de generatividade dos sujeitos, tendo-se verificado uma correlação negativa baixa (tabela 45) entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade ( $r = -0,206$ ;  $p < 0,05$ ).<sup>2</sup>

**Tabela 45. Correlação entre o índice de generatividade e a rejeição materna percebida**

EG_Total	Correlação de Person	PARQ_M Total
	P	- 0,206

\* $p < 0,05$

#### 3.2. Relação entre as sub-escalas do PARQ\_M e o índice de generatividade

**Hipótese 2:** As sub-escalas do PARQ\_M associam-se ao índice de generatividade.

**Hipótese 2.1:** A sub-escala da afectuosidade associa-se positivamente ao índice de generatividade durante a gravidez.

**Hipótese 2.2:** As sub-escalas de rejeição indiferenciada, hostilidade e de indiferença associam-se negativamente ao índice de generatividade durante a gravidez.

Para testar as **H 2.1 e 2.2** correlacionaram-se as quatro sub-escalas do PARQ\_M com o índice de generatividade, tendo-se verificado que existe uma relação positiva fraca entre a afectuosidade e a generatividade ( $r = ,221$ ),  $p < 0,05$ ), correlações negativas fracas entre a generatividade e a indiferença ( $r = - ,236$ ,  $p < 0,05$ ), e entre a generatividade e a rejeição indiferenciada ( $r = - ,201$ ;  $p < 0,05$ ). Contrariamente ao que foi hipotetizado, a sub-escala da hostilidade não se revelou correlacionada com o índice de generatividade (Tabela 46).

**Tabela 46. Correlação entre as sub-escalas do PARQ\_M e o índice de generatividade**

EG_Total	Correlação de Person	PARQRej.Indif. M_Score	PARQHost. M_Score	PARQIndif. M_Score	PARQAfect. M_score
		P	-,201*	-,115	-,236*
		,045	,254	,018	,027

\* $p < 0,05$

<sup>2</sup> Segundo Pestana e Gageiro (2008), uma correlação menor que .20 indica uma associação linear muito fraca; entre .20 e .39 baixa; entre .40 e .69 moderada; entre .70 e .89 alta e entre .90 e 1 muito elevada.

### 3.3. Rejeição materna percebida como preditor do índice de generatividade

**Hipótese 3** - A rejeição materna percebida constitui um preditor do índice de generatividade durante a gravidez.

De forma a testar a **H3**, realizou-se uma regressão linear simples no sentido de averiguar se a rejeição materna prediz o índice de generatividade durante a gravidez. (Tabela X.) Verificou-se que a rejeição materna prediz 0,03% (tabela 47) do índice de generatividade ( $F = 4,34$ ;  $p < 0,05$ ).

**Tabela 47. Análise de regressão linear simples com a rejeição materna como preditor do índice de generatividade.**

	Beta	B	DP	R <sup>2</sup>	F
PARQ_M	-,206	-,090	,043	0,033	4,34*

\* $p < 0,05$

### 3.4. O envolvimento positivo na gravidez e a generatividade como preditores recíprocos.

**Hipótese 4** – O envolvimento positivo na gravidez e a generatividade constituem preditores recíprocos.

**Hipótese 4.1** - O envolvimento positivo das mulheres na gravidez constitui um preditor do índice de generatividade.

Para testar a **H4.1**, foi realizada uma regressão linear múltipla para investigar se o envolvimento positivo das mulheres na gravidez (itens 1, 2, 3, 6 e 8) prediz o índice de generatividade (Tabela 48), tendo-se verificado que o envolvimento na gravidez prediz de uma forma significativa 28% do índice de generatividade ( $F = 6,850$ ;  $p < 0,05$ ).

**Tabela 48. Análise de regressão linear múltipla com o envolvimento das mulheres na gravidez como preditor do índice de generatividade.**

Itens	Beta	B	DP	R <sup>2</sup>	F
1 – Reacção á gravidez	- 0,268	- 3,21	1,765		
2 – Planeamento gravidez	- 0,040	- 0,587	1,848		
3 – Sentimento se abortasse	- 0,045	- 1,882	4,741		
6 – Sentimento face à gravidez	- 0,096	- 1,353	1,834	0,28	6,850*
8 – Sentimentos predominantes	- 0,282	- 5,298	2,385		

\* $p < 0,05$

**Hipótese 4.2** – O índice de generatividade constitui um preditor do envolvimento positivo das mulheres na gravidez.

Para testar a **H4.2**. Realizou-se uma regressão linear múltipla para averiguar se o índice de generatividade prediz o envolvimento das mulheres na gravidez, tendo-se verificado que o índice de

generatividade prediz 21,6% do item 1 (reação à gravidez), 12,1% do item 2 (planeamento da gravidez), 14,9% do item 6 (sentimento face à gravidez) e 20% do item 8 (sentimentos predominantes), tal como se observa na tabela 49.

**Tabela 49. Análise de regressão linear múltipla com o índice de generatividade a prever o envolvimento das mulheres na gravidez.**

Itens	Beta	B	DP	R <sup>2</sup>	F
1 – Reação à gravidez	- 0,475	- 0,039	0,008	0,216	22,427*
2 – Planeamento gravidez	- 0,364	- 0,025	0,007	0,121	11,738*
6 – Sentimento face à gravidez	0,400	- 0,028	0,007	0,149	14,513*
8 – Sentimentos predominantes	0,459	0,024	0,005	0,200	20,503*

\*p < 0,01

### 3.5. Relação entre o envolvimento positivo na gravidez e a generatividade

**Hipótese 5** – As mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma média de generatividade mais elevada, comparativamente às mulheres com um envolvimento negativo na gravidez.

De modo a testar a **H5**, procedeu-se à comparação das médias de generatividade em função das categorias de resposta aos itens do QM referentes ao “envolvimento na gravidez”.

Para comparar a EG relativamente à “primeira reação perante a gravidez” (item 1 do QM), testou-se a diferença entre as várias categorias, através do teste Kruskal-Wallis. Assim, mulheres que referem uma primeira reação “positiva” apresentam uma média mais elevada de generatividade (M = 28,99; DP = 5,39), comparativamente às mulheres que relatam uma primeira reação “negativa” (M = 23,14; DP = 8,53) e reação “ambivalente” (M = 17,60; DP = 8,23), sendo esta comparação estatisticamente significativa (K-W= 10,26; p < 0,01), tal como se observa na tabela 50.

**Tabela 50. Comparação da média da EG nas categorias do item 1 do QM**

Categoria	Média	DP	K-W	p	Post Hoc
Positiva	28,99	5,39			
Negativa	23,14	8,53	10,258	0,006*	Positivo > Negativo
Ambivalente	17,60	8,23			Positivo > Ambivalente

\*p < 0,01

Para comparar as médias na EG relativamente à gravidez planeada (item 2 do QM), testou-se a diferença entre as várias categorias de resposta, através do teste U de Mann Whitney. Assim, as mulheres que planearam uma gravidez (categoria “Sim”), apresentam uma média de generatividade

significativa mais elevada ( $M = 29,23$ ;  $DP = 5,16$ ), comparativamente às mulheres que referem não ter tido uma gravidez planeada (categoria “Não”) ( $M = 23,90$ ;  $DP = 8,32$ ), ( $U = 383$ ;  $p < 0,01$ ), tal como se observa na tabela 51.

**Tabela 51. Comparação da média da EG nas categorias do item 2 do QM**

Categoria	Média	DP	U	P
Sim	29,23	5,16	383	0,008*
Não	23,90	8,32		

\* $p < 0,01$

Para comparar a EG relativamente ao sentimento face à gravidez (item 6 do QM) através do teste U de Mann Whitney, testou-se a diferença das médias de generatividade entre as várias categorias de resposta. Assim, as mulheres que referem um sentimento positivo (categoria “Positivo”) apresentam uma média mais alta de generatividade ( $M = 29$ ;  $DP = 5,75$ ) comparativamente às mulheres que referem um sentimento negativo (categoria “negativo”) ( $M = 23,41$ ;  $DP = 7,73$ ) ou sentimento ambivalente ( $M = 17,50$ ;  $DP = 7,79$ ) sendo esta comparação estatisticamente significativa ( $K-W = 8,434$ ;  $p < 0,05$ ), tal como se observa na tabela 52.

**Tabela 52. Comparação da média da EG nas categorias do item 6 do QM**

Categoria	Média	DP	K-W	P	Post Hoc.
Positivo	29,00	5,75	8,434	0,015*	Positivo > Negativo
Negativo	23,41	7,73			Positivo > Ambivalente
Ambivalente	17,50	7,79			

\* $p < 0,05$

Para comparar o índice de generatividade relativamente aos sentimentos predominantes durante a gravidez (item 8 do QM) através do teste U de Mann Whitney, testou-se a diferença entre as médias em função das várias categorias de resposta (tabela 53). Assim, as mulheres que referem sentimentos positivos (categoria “Positivos”), apresentam uma média de generatividade mais elevada ( $M = 28,96$ ;  $DP = 5,72$ ) comparativamente às mulheres referem sentimentos negativos (categoria “Negativos”) ( $M = 20,27$ ;  $DP = 6,99$ ), sendo esta comparação estatisticamente significativa ( $U = 120$ ;  $p < 0,01$ ).

**Tabela 53. Comparação da média da EG nas categorias do item 8 do QM**

Categoria	Média	DP	U	P
Positivos	28,96	5,72	120	0,000*
Negativos	20,27	6,99		

\* $p < 0,01$

### 3.6. Relação entre o envolvimento positivo na gravidez e a rejeição materna percebida

**Hipótese 6** - As mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma média de rejeição materna percebida inferior, comparativamente às mulheres com um envolvimento negativo na gravidez.

De forma a testar a **H6**, procedeu-se à comparação das médias da rejeição materna percebida em função das categorias de resposta dos itens do QM referentes ao envolvimento na gravidez.

Procedeu-se à comparação das médias de rejeição materna percebida em função das categorias de resposta do item 2 do QM “gravidez planeada” (tabela 54). Usou-se o teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis com o objectivo de testar desta forma a diferença entre as várias categorias. Verificou-se que as mulheres que planearam uma gravidez (categoria “Sim”), apresentam uma média de percepção de rejeição materna menos elevada ( $M = 31,23$ ;  $DP = 13,4$ ), comparativamente às mulheres que referem não ter tido uma gravidez planeada (categoria “Não”) ( $M = 37$ ;  $DP = 13,74$ ), sendo esta comparação estatisticamente significativa ( $U = 439$ ;  $p < 0,05$ ).

**Tabela 54. Comparação da média do PARQ\_M nas categorias do item 2 do QM**

Categoria	Média	DP	U	p
Sim	31,23	13,40	439	0,039*
Não	37,00	13,74		

\* $p < 0,05$

Para comparar as médias de rejeição materna percebida em função das categorias de resposta do item relativo aos “sentimentos predominantes” durante a gravidez (item 8 do QM) através do teste U de Mann Whitney, testou-se a diferença entre as várias categorias. Assim, as mulheres que referem sentimentos positivos (categoria “Positivos”), apresentam uma média de percepção de rejeição materna inferior ( $M = 31,62$ ;  $DP = 13,78$ ) comparativamente às mulheres que evidenciam sentimentos negativos (categoria “Negativos”) ( $M = 40,36$ ;  $DP = 10,42$ ), sendo esta comparação estatisticamente significativa ( $U = 189$ ;  $p < 0,01$ ), tal como se observa na tabela 55.

**Tabela.55. Comparação da média do PARQ\_M nas categorias do item 8 do QM**

Categoria	Média	DP	U	p
Positivos	31,62	13,78	189	0,009*
Negativos	40,36	10,42		

\* $p < 0,01$

### 3.7. Generatividade em função do género

**Hipótese 7** – O índice de generatividade é mais elevado nas mulheres do que nos homens

Com o intuito de testar a diferença do índice de generatividade em função do género (**H7**), foi utilizado o teste U de Mann Whitney. Verificou-

se que embora os sujeitos do sexo feminino ( $M = 27,75$ ;  $DP = 6,59$ ) tenham obtido um índice de generatividade mais elevado comparativamente aos sujeitos do sexo masculino ( $M = 27,38$ ;  $DP = 6,05$ ), este resultado não é estatisticamente significativo ( $U = 787,5$ ;  $p > 0,05$ ).

### 3.8. Rejeição materna percebida em função do género

**Hipótese 8** - A rejeição materna percebida é mais elevada nos homens, comparativamente às mulheres.

Para testar a diferença na percepção de rejeição materna em função do sexo (**H8**), realizou-se uma comparação através do teste U de Mann Whitney. De acordo com os resultados (Tabela 46), os sujeitos do sexo masculino ( $M = 40,33$ ;  $DP = 17,62$ ) apresentam uma percepção de rejeição materna superior, comparativamente aos sujeitos do sexo feminino ( $M = 32,84$ ,  $DP = 13,65$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $U = 572$ ;  $p < 0,05$ ), tal como se observa na tabela 56.

**Tabela 56. Comparação das médias do PARQ\_M em função do género**

Sexo	Média	DP	U	p
Masculino	40,33	17,62	572	0.029
Feminino	32,84	13,65		

$p < 0,05$

### V - Discussão

A **H1** (associação negativa entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade durante a gravidez) foi confirmada, atendendo à verificação de uma correlação negativa (embora baixa) entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade.

É de salientar que a confirmação desta hipótese constitui um dado novo relativamente à investigação prévia, que ainda não tinha testado a relação entre a rejeição materna percebida e a generatividade. No entanto, os pressupostos teóricos da PARTtheory e da generatividade sugeriam que esta relação seria plausível. Efectivamente, atendendo às evidências da PARTtheory, as pessoas que se percebem como rejeitadas estão mais propensas a desenvolver uma visão hostil do mundo (das relações interpessoais e da própria natureza da existência humana), percebendo-o como inseguro, ameaçador ou perigoso. Ainda que de forma inferencial, a hipótese H1 partiu da ideia de que a percepção de rejeição materna prejudicaria o desenvolvimento da generatividade, uma vez que a investigação aponta que os adultos mais generativos são mais afectuosos como pais (Pratt, Danso Arnold, Norris & Filyer, 2001) mais conscientes do seu papel como modelos transmissores de valores, bem como de outros papéis intergeracionais familiares (Pratt et al., 1999), estimulando metas de crescimento e de autonomia para os seus filhos adolescentes. No sentido de melhor compreender a relação destas variáveis de uma forma mais lata, seria interessante realizarem-se estudos com mães e respectivos filhos para

explorar, por um lado, se os níveis de generatividade das mães influenciam o seu comportamento aceitante versus rejeitante para com os filhos e, por outro lado, analisar se a percepção da aceitação/rejeição materna por parte dos filhos influencia o seu nível de generatividade.

Relativamente às **H2.1** (associação positiva entre a afectuosidade materna percebida e o índice de generatividade durante a gravidez) e **H2.2** (associação negativa entre as sub-escalas de rejeição indiferenciada, de hostilidade e de indiferença maternas e o índice de generatividade durante a gravidez), verificou-se que a **H2.1.** foi confirmada, atendendo à relação positiva (fraca) entre a afectuosidade materna percebida e a generatividade. Quanto à **H2.2.**, foi parcialmente confirmada, uma vez que se verificou uma relação negativa (fraca) entre a generatividade e as sub-escalas de indiferença e de rejeição indiferenciada, embora, contrariamente ao hipotetizado, a sub-escala de hostilidade não se tenha revelado correlacionada com o índice de generatividade. Esta diferenciação entre, por um lado, as percepções de indiferença e de rejeição indiferenciada, e, por outro, a percepção de hostilidade, relativamente à generatividade expressa, aponta para a necessidade da prossecução de estudos junto de amostras mais amplas que permitam retirar conclusões mais seguras. Deste modo, fica em aberto a hipótese da indiferença e da rejeição indiferenciada maternas percebidas constituírem um factor de maior risco para o desenvolvimento da generatividade durante a gravidez do que a hostilidade.

A **H3** (a rejeição/aceitação materna percebida constitui um preditor do índice de generatividade durante a gravidez) foi confirmada, tendo-se verificado que a rejeição materna prediz 0,03% do índice de generatividade. A investigação desenvolvida por Rohner e colaboradores tem vindo a demonstrar que a aceitação - rejeição parental constitui um preditor universalmente poderoso do ajustamento psicológico e comportamental da criança e do adulto. À semelhança da confirmação da hipótese **H1**, estamos perante um dado novo, que foi inferido a partir do postulado da investigação da PARTheory sobre a pertinência da percepção de aceitação/rejeição parental para o ajustamento pessoal e dos estudos prévios sobre a generatividade, que enfatizam o processo de desenvolvimento psicossocial prévio.

A **H4.1** (O envolvimento positivo das mulheres na gravidez constitui um preditor da generatividade) e **H4.2** (a generatividade constitui um preditor do envolvimento na gravidez) foram confirmadas, tendo-se verificado que o envolvimento das mulheres na gravidez prediz 28% do índice de generatividade e que o índice de generatividade prediz o envolvimento na gravidez (21,6% do item 1), 12,1% do item 2, 14,9% do item 6 e 20% do item 8). Os dados obtidos vão ao encontro dos estudos prévios sobre a manifestação da generatividade através da procriação, produtividade e criatividade, reiterando o postulado inicial de Erikson de que a parentalidade constituiria a expressão generativa mais proeminente.

A **H5** (As mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma média de generatividade mais elevada, comparativamente às mulheres com um envolvimento negativo na gravidez) foi confirmada,

tendo-se verificado que as mulheres com sentimentos predominantemente positivos (envolvimento positivo) apresentam uma média de generatividade mais elevada, comparativamente às que manifestam maioritariamente sentimentos negativos (envolvimento negativo). Embora o questionário utilizado (QM) para avaliar o “envolvimento na gravidez” não integre nenhuma questão directa sobre o desejo de ter filhos, as questões respeitantes a esta dimensão (1, 2, 3, 6 e 8) avaliam dimensões relacionados com esta motivação, tais como a planificação da gravidez e a atitude positiva versus negativa perante a mesma. Salvaguardando o cariz hipotético desta relação (entre envolvimento positivo e o desejo de ter filhos), há algum suporte para supor que o envolvimento negativo na gravidez poderá estar associado à ausência de motivação para a parentalidade, e o envolvimento positivo ao desejo de ter filhos. Partindo deste pressuposto, a confirmação da hipótese H6 vai ao encontro de estudos prévios que apontam uma associação entre a generatividade e o desejo de ter filhos (Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009) e um incremento da generatividade através do desempenho do papel parental, acarretando mudanças positivas no sentimento de bem-estar e de valorização pessoal e, como tal, conferindo à parentalidade um carácter benéfico em várias dimensões pessoais (Knoester, Petts & Eggebeen, 2007) e associando-a a sentimentos de alegria e satisfação, constituindo-se como um meio de realização pessoal (Relvas, 1996). Tal como sugere Knoester, Petts & Eggebeen (2007) a função parental poderá desenvolver a generatividade, se os contextos forem propícios ao exercício da parentalidade, promovendo quer sentimentos de bem-estar pessoal, como de bem-estar da geração futura.

A **H6** (As mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma média de rejeição materna percebida inferior, comparativamente às mulheres com um envolvimento negativo na gravidez), foi confirmada, tendo-se verificado que as mulheres com um envolvimento negativo na gravidez apresentam uma média de rejeição materna superior, comparativamente às que expressam um envolvimento positivo. Estamos perante um dado novo, que foi deduzido a partir da investigação da PARTheory, que enfatiza a importância da percepção de aceitação/rejeição parental para o ajustamento pessoal. De acordo com os resultados do estudo de Yoo e Miller (2011), existe uma relação positiva significativa entre a percepção de afectuosidade materna e paterna e o ajustamento psicológico dos adolescentes, sendo que aqueles que percebem os pais como afectuosos, tendem a relatar níveis elevados de ajustamento psicológico.

Perante estes dados, e salvaguardando o cariz inferencial, é expectável que as mulheres com uma percepção de rejeição materna inferior experienciem um nível de ajustamento psicológico mais elevado comparativamente às mulheres que percebem maior rejeição materna, o que poderá influir na sua atitude face à gravidez.

A **H7** (o índice de generatividade é mais elevado nas mulheres do que nos homens) foi formulada a partir do estudo de Vaz-Rebelo & Franco-Borges (2009) que pretendeu analisar a relação entre a generatividade e a

motivação para a parentalidade, tendo os resultados indicado que a generatividade se relaciona significativamente com o desejo de vir a ter filhos e que este desejo varia em função do sexo (mais elevado entre as mulheres) e do índice médio de generatividade. A H7 foi infirmada, pois apesar de se ter verificado que as mulheres apresentam um índice de generatividade superior ao dos homens, esta diferença não se revelou estatisticamente significativa. A não confirmação da H7 poderá ser explicada pelo desfasamento entre o número de sujeitos do sexo feminino e masculino (sub-representado).

A **H8** (A rejeição materna percebida é mais elevada nos homens, comparativamente às mulheres) foi confirmada, tendo-se verificado que os homens apresentam uma média de rejeição materna percebida superior à das mulheres. Este dado vai ao encontro do estudo de Dwairy (2010), segundo o qual os adolescentes do sexo masculino tendem a sentir-se mais rejeitados e menos aceites, comparativamente aos adolescentes do sexo feminino. Apesar da amostra da presente investigação ser composta por adultos, e a do estudo de Dwairy se tratarem de adolescentes, os dados agora obtidos sugerem que a percepção de aceitação-rejeição parental manifesta na adolescência se perpetua na idade adulta. Assim, afigura-se pertinente confirmar este dado em estudos futuros, com amostras mais amplas de adultos portugueses, colmatando a escassez de dados sobre a percepção da aceitação/rejeição parental nesta faixa etária.

## VI - Conclusões

O presente estudo visou analisar a relação entre a rejeição materna percebida e o índice de generatividade das mulheres grávidas e parceiros e analisar o papel de cada uma destas variáveis considerando-se cada uma das dimensões da aceitação/rejeição. Procurou igualmente explorar a relação entre o envolvimento das mulheres na gravidez e o índice de generatividade, averiguando se o envolvimento das mulheres na gravidez constitui um preditor da generatividade, e se o mesmo acontece no sentido inverso.

As principais conclusões do estudo revelam a) uma associação negativa entre a rejeição materna percebida e a generatividade, b) uma associação positiva entre a afectuosidade materna percebida e o índice de generatividade durante a gravidez, c) uma associação negativa entre as sub-escalas de rejeição indiferenciada e de indiferença maternas e o índice de generatividade durante a gravidez, d) que a rejeição/aceitação materna constitui um preditor do índice de generatividade durante a gravidez, e) que o envolvimento das mulheres na gravidez constitui um preditor da generatividade, f) que a generatividade constitui um preditor do envolvimento na gravidez, g) que a média de generatividade é mais elevada entre as mulheres que expressam um envolvimento positivo na gravidez, comparativamente às que manifestam um envolvimento negativo, h) que a média de rejeição materna percebida é mais elevada entre as mulheres que manifestam um envolvimento negativo na gravidez, comparativamente

às mulheres que exprimem um envolvimento positivo e i) que a rejeição materna percebida é mais elevada entre os homens, comparativamente às mulheres.

Atendendo aos dados obtidos na presente investigação, salienta-se a relevância da rejeição materna percebida no desenvolvimento da generatividade das mulheres grávidas e parceiros amorosos.

Evidências da PARTheory, apontam para a probabilidade de desajustamento psicológico perante a percepção de rejeição parental, salientando que as pessoas que se percebem como rejeitadas estão mais propensas a desenvolver uma visão negativa do mundo (das relações interpessoais e da própria existência da natureza humana). Partindo do pressuposto de que a percepção de rejeição materna prejudicaria o desenvolvimento da generatividade, uma vez que existem estudos que sugerem que os adultos mais generativos são mais afectuosos como pais (Pratt, Danso Arnold, Norris & Filyer, 2001) e estimulam metas de crescimento e de autonomia para os filhos, seria pertinente, em estudos futuros, explorar se o nível de generatividade das mães influenciaria o seu comportamento aceitante versus rejeitante para com os filhos e, por outro lado, analisar se a percepção da aceitação/rejeição materna por parte dos filhos influencia o seu nível de generatividade, devendo-se igualmente explorar esta relação relativamente à figura paterna.

De acordo com a verificação de que as mulheres com um envolvimento positivo na gravidez apresentam uma generatividade mais elevada, comparativamente às que expressam um envolvimento negativo na gravidez, o envolvimento negativo com a gravidez poderá estar associado à ausência de motivação para a parentalidade, enquanto o envolvimento positivo se associaria ao desejo de ter filhos, indo ao encontro de estudos prévios que apontam uma associação entre a generatividade e o desejo de ter filhos (Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2009).

Neste estudo foram identificadas algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. O facto de existir um desfasamento entre o número de sujeitos do sexo feminino e masculino (sub-representado) poderá ter contribuído para a escassez de resultados significativos relativamente aos homens, nomeadamente na associação entre a generatividade e o envolvimento na gravidez e entre a rejeição materna percebida e o envolvimento na gravidez. Assim, sugere-se que investigações futuras contemplem amostras mais amplas e com um número igualitário de homens e mulheres.

Outra limitação do presente estudo está relacionada com a consistência interna dos instrumentos utilizados. Apesar de em estudos anteriores (Franco-Borges & Vaz-Rebelo 2007) a Escala de Generatividade se ter revelado fiável, com características psicométricas adequadas à população portuguesa ( $\alpha = 0.79$ ), na presente investigação, o alfa de cronbach obteve um resultado fraco ( $\alpha = .644$ ), tendo sido necessário remover alguns itens (13, 15, 14, 2, 5 e 9) responsáveis pelo seu valor baixo. Após a remoção desses itens, o alfa de cronbach passou a obter um bom resultado(

$\alpha=.843$ ). O fraco valor do alfa de cronbach, poderá estar relacionado com o procedimento da recolha de dados, tendo em conta que a maioria dos instrumentos foram administrados em locais não estruturados, com estímulos distractores que poderão ter comprometido a atenção dos sujeitos no preenchimento dos instrumentos. Também no PARQ\_M se verificou um fraco valor no alfa de cronbach ( $\alpha= .561$ ), tendo-se procedido de igual modo (como na EG) à remoção de itens (1, 9, 12 e 14), com o intuito de aumentar a consistência interna, que passou a assumir um valor de  $\alpha= .833$ . Apesar de não existirem estudos em Portugal da short-form do Adult\_PARQ, estudos prévios de validação de 1975 do Adult-PARQ (Mother Version) referem um alpha superior a .80.

Assim investigações futuras que permitam obter amostras representativas da população portuguesa nesta faixa etária adquirem a sua importância.

Considerando a relevância da percepção de aceitação-rejeição parental sobre o desenvolvimento pessoal, em termos de aplicabilidade, o presente estudo aponta para a importância de intervenções precoces junto de futuros pais, no sentido de fomentar as atitudes parentais aceitantes e apoiar a integração da parentalidade nos projectos de vida.

O estudo de Ogredir e Ulutas, (2009, citado em Oliveira 2010), referido no enquadramento conceptual, que teve por base a Teoria da Aceitação – Rejeição Parental, demonstrou que as mulheres que beneficiaram de um programa educacional de suporte materno expressavam menores níveis de rejeição para com os filhos, comparativamente às mães que não foram submetidas ao programa, tendo-se verificado a eficácia do mesmo. Este suporte emerge, pois, como desejável, embora não deva negligenciar intervenções mais amplas que contemplem e reforcem a generatividade dos contextos sociais.

Assim, se a presente investigação destaca a pertinência de uma interacção pais-filhos pautada por sentimentos afectuosos que promovam o bem-estar dos filhos, e que previnam comportamentos rejeitantes comprometedores do desenvolvimento pessoal, esta meta exige uma aposta numa educação para a generatividade.

## Bibliografia

- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto.
- Direcção Geral da Saúde. (2005). *Promoção da saúde mental na gravidez e primeira infância: Manual de orientação para profissionais de saúde*. Lisboa: DGS.
- Dwairy, M. (2010). Parental Acceptance-Rejection: a Fourth Cross-Cultural Research on Parenting and Psychological Adjustment of Children. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 30-35.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erkan, S., & Toran, M. (2010). Child Acceptance-rejection behaviors of lower and upper socioeconomic status mothers. *Social Behavior and Personality*, 38 (3), 427-432.
- Figueiredo, B., & Silva, A. (2005). Sexualidade na gravidez e após o parto. *Psiquiatria Clínica*. 25, 253-264.
- Finley, G. E., & Mira, S. D. (2008). Perceived parental and maternal involvement: Factor structures, mean differences, and parental roles. *Fathering*, 6 (1), 62-82.
- Franco-Borges, G., & Vaz-Rebelo, P. (2007). Parentalidade e generatividade. *Psychologica*, 44, 329-351.
- Franco-Borges, G., & Vaz-Rebelo, P. (2009) Contributos para o estudo do desenvolvimento do adulto: reflexões em torno da Generatividade. *Praxis Educacional*, 5 (7), 97-114.
- Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Knoester, C., Petts, R., Eggebeen, D. (2007). Commitments to fathering and well-being and social participation of new, disadvantaged fathers. *Journal of Marriage and Family*, 69 (4), 99-1004.
- Lila, M., Garcia, F., & Garcia, E. (2007). Perceived paternal and maternal acceptance and children's outcomes in Colombia. *Social Behavior and Personality*, 35 (1), 115-124
- McAdams, D. P., & St. Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioural acts and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62 (6), 1003-1015.
- McAdams, D. P. (2006). The Redemptive Self: Generativity and the Stories Americans Live. *Research in Human Development*, 3 (2, 3), 81-100.
- Medrano, C., Cortés, A., & Aierbe, A. (2004). Los relatos de experiencias en la edad adulta: un estudio desde el enfoque narrativo. *Anuario de Psicología*, 35 (3), 371-397.
- Oliveira, P. (2010). Ajustamento pessoal e académico dos/das pré-adolescentes: impacto da aceitação vs. Rejeição parental e do suporte social percebidos. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (5ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo
- Peterson, B. E. (2006). Generativity and Successful Parenting: An Analysis

- of Young Adult Outcomes. *Journal of Personality*, 74 (3), 847-869.
- Peterson, B. E., Smirles, K. A., & Wentworth, P. A. (1997). Generativity and authoritarianism: Implications for personality, political involvement, and parenting. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72 (5), 1202-1216.
- Pratt, M. W., Danso, H., Arnold, M. L., Norris, J., & Filyer, R. (2001). Adult generativity and the socialization of adolescents: Relations to mothers' and fathers' parenting beliefs, styles and practices. *Journal of Personality*, 69, 89-120.
- Pratt, M. W., Hunsberger, B. & Pancer. S. M. (2005). Adolescent Generativity: A Longitudinal Study of two Possible Contexts for learning Concern for Future Generations. *Journal of Research on Adolescence*, 15 (3), 261-273.
- Pratt, M. W., Norris, J., Arnold, M. L., & Filyer, R. (1999). Generativity and moral development as predictors of value socialization narratives for young persons across the adult life span: from lessons learned to stories shared. *Psychology and Aging*, 14, 414-426.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento
- Rohner, R. P. (2004). The Parental "Acceptance-Rejection Syndrome": Universal Correlates of Perceived Rejection. *American Psychologist*, 59 (8), 827-840.
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2002). Perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment. A meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Marriage and Family*, 64, 54-64.
- Rohner, R., & Khaleque, A. (2008). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection*. (4<sup>a</sup>ed.). Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. & Britner, P. (2002). Worldwide mental health correlates of parental acceptance-rejection: Review of cross-cultural and intracultural evidence. *Cross-Cultural Research*, 36, 16-47.
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2011). Parental Acceptance-Rejection and Life-Span Development: A Universal Perspective.  
Consultado em: [http://www.wvu.edu/culture/Rohner\\_Khaleque.htm](http://www.wvu.edu/culture/Rohner_Khaleque.htm)
- Rohner, R., Melendez, T., & Kraimer-Rickaby, L. (2008). Intimate partner acceptance, parental acceptance in childhood, and psychological adjustment among american adults is ongoing attachment relationships. *Cross-Cultural Research*, 42 (1), 13.
- Ronald, R. P., Khaleque, A., & Cournoyer, D. E. (2011). Introduction to Parental Acceptance-Rejection Theory, methods, evidence and implications.  
Consultado em: [http://www.csiar.uconn.edu/intro\\_partheory.html](http://www.csiar.uconn.edu/intro_partheory.html)
- Slater, C. L. (2003). Generativity versus stagnation: An elaboration of Erikson's adult stage of human development. *Journal of Adult Development*, 10 (1), 53-65.
- Yoo, S. M. & Miller, D. L. (2011). Culture and Parenting: Psychological Adjustment Among Chinese Canadian Adolescents. *Canadian Journal of Counseling and Psychotherapy*, 45 (1), 34-52.
- Zacarés, J. J., & Serra, E. (2011). Explorando em territorio del desarrollo adulto: La clave de la generatividad. *Cultura y Educación*, 23 (1), 75-88.